



Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Departamento de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Mestrado em Psicologia

**Avaliação funcional e psicoterapia analítico-funcional para investigar os efeitos das contingências de estresse minoritário nas respostas de homens negros homossexuais**

Eduardo Borges do Carmo

Goiânia, março de 2023



Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Departamento de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Mestrado em Psicologia

**Avaliação funcional e psicoterapia analítico-funcional para investigar os efeitos das contingências de estresse minoritário nas respostas de homens negros homossexuais**

Eduardo Borges do Carmo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da PUC Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ilma A. Goulart de Souza Britto

Goiânia, março de 2023

Catálogo na Fonte - Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás

C287a Carmo, Eduardo Borges do  
Avaliação funcional e psicoterapia analítico-funcional  
para investigar os efeitos das contingências de estresse  
minoritário nas respostas de homens negros homossexuais  
/ Eduardo Borges do Carmo. -- 2023.  
88 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês.

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás, Escola de Ciências Sociais e da  
Saúde, Goiânia, 2023.

Inclui referências: f. 79-82.

1. Avaliação do comportamento. 2. Stress (Psicologia).  
3. Psicoterapia. 4. Homossexuais. 5. Minorias. I. Britto,  
Ilma A. Goulart de Souza - (Ilma Aparecida Goulart  
de Souza). II. Pontifícia Universidade Católica de  
Goiás - Programa de Pós-Graduação em Psicologia -  
15/03/2023. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 159.944.4(043)



**PUC  
GOIÁS**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
Av. Universitária, 1069 – St. Universitário  
Caixa Postal 86 – CEP 74605-010  
Goiânia-Goiás  
Telefone/Fax: (62)3946-1070 ou 1071  
[www.pucgoias.edu.br](http://www.pucgoias.edu.br) / [prope@pucgoias.edu.br](mailto:prope@pucgoias.edu.br)

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.**

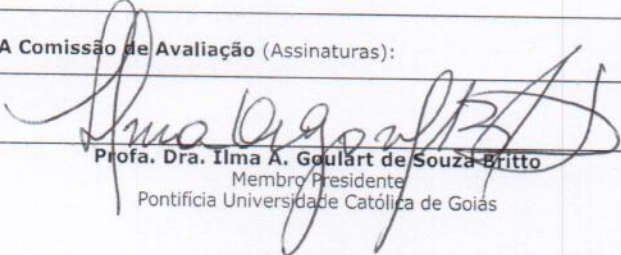

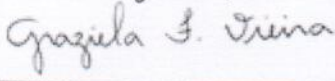

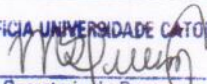
No dia 15 de março de 2023, às 14h, via webconferência em plataforma digital, **EDUARDO BORGES DO CARMO**, discente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia (2021.1.2055.0005-3) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, expôs, em Sessão Pública de Defesa de Dissertação de Mestrado, o trabalho intitulado **"AVALIAÇÃO FUNCIONAL E PSICOTERAPIA ANALÍTICO-FUNCIONAL PARA INVESTIGAR OS EFEITOS DAS CONTINGÊNCIAS DE ESTRESSE MINORITÁRIO NAS RESPOSTAS DE HOMENS NEGROS HOMOSSEXUAIS"**, para Comissão de Avaliação composta pelos (as) docentes: **Dra. Ilma A. Goulart de Souza Britto** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Presidente da Comissão), **Dra. Graziela Freire Vieira** (Instituto de Ensino Superior de Brasília, Membro Convidado Externo), **Dra. Roberta Maia Marcon de Moura** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convidado Interno), e **Dr. Júlio César Alves** (Faculdade Unida de Campinas, Membro Suplente). O trabalho da Comissão de Avaliação foi conduzido pelo(a) docente Presidente que, inicialmente, após apresentar os docentes integrantes da Comissão, concedeu 30 minutos ao(a) discente candidato(a) para que este(a) expusesse o trabalho. Após a exposição, o(a) docente Presidente concedeu a palavra a cada membro convidado da Comissão para que estes arguissem o(a) discente candidato(a). Após o encerramento das arguições, a Comissão de Avaliação, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho do(a) discente candidato(a) na exposição, considerando a trajetória deste(a) no curso de mestrado. Como resultado da avaliação, a Comissão de Avaliação deliberou pela:

**Aprovação da dissertação**

A Comissão de Avaliação declara o (a) discente candidato (a) Mestre em Psicologia. A Comissão de Avaliação pode sugerir alterações de forma e/ou conteúdo considerado aceitáveis, não impeditivo da aprovação do trabalho. As alterações deverão ser indicadas no Anexo ao presente documento e/ou podem constar na versão lida pelo membro da Comissão de Avaliação para a sessão de defesa da dissertação. Neste caso, a versão lida corrigida deverá ser entregue ao(a) discente candidato(a) no final da sessão. O(A) discente candidato(a) terá o prazo de sessenta (60) dias para os ajustes e entrega da versão final na Secretaria do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação.

**Reprovação da dissertação**

A Comissão de Avaliação determina que o trabalho apresentado não satisfaz as condições mínimas para ser considerado dissertação de mestrado válida à obtenção do título de Mestre em Psicologia. O(A) discente candidato(a) pode interpor recurso à decisão da Comissão de Avaliação no prazo máximo de trinta (30) dias, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação.

A Comissão de Avaliação (Assinaturas):	Para uso da Coordenação/Secretaria do PSSP:
	
<p><b>Profa. Dra. Ilma A. Goulart de Souza Britto</b> Membro Presidente Pontifícia Universidade Católica de Goiás</p> 	<p><b>Prof. Dr. Cristiano Coelho</b> Coordenador do Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Psicologia Pontifícia Universidade Católica de Goiás</p>
<p><b>Profa. Dra. Graziela Freire Vieira</b> Membro Convidado Externo Instituto de Ensino Superior de Brasília</p> 	<p><b>PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS</b> <b>Prof. Dr. Cristiano Coelho</b> Coordenação do Programa <i>Stricto Sensu</i> em Psicologia – RF. 7573</p>
<p><b>Profa. Dra. Roberta Maia Marcon de Moura</b> Membro Convidado Interno Pontifícia Universidade Católica de Goiás</p>	<p><b>Observações:</b> 1. Documento válido somente se assinado pela Coordenação e pela Secretaria do PSSP/PROPE/PUC Goiás. 2. _____ 3. _____</p>
<p><b>Prof. Dr. Júlio César Alves</b> Membro Suplente Faculdade Unida de Campinas</p>	<p><b>PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS</b>  Visto Secretaria: <b>Secretaria do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia</b> DFM nº: 02/2023 Goiânia, 16/03/2023</p>

## Agradecimentos

Quero iniciar agradecendo à equipe do PSSP da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo suporte e a parceria, sem a qual a realização deste trabalho e o caminho que foi necessário para sua construção não seria possível.

À Dra. Táhcita Mizael e à Dra. Roberta Marcon, que participaram da qualificação deste trabalho, agradeço por todas as importantes contribuições e pela forma gentil e atenciosa que as fizeram. A postura de vocês foi um lembrete reconfortante de como é possível ter rigor acadêmico sem perder a generosidade e o cuidado.

Ao Carlos Eduardo Portela, que tive a sorte de ter como preceptor e tutor em parte de meu período como residente na Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS), agradeço por ter sido o primeiro a me encorajar e acreditar no potencial para pesquisar temas de gênero e diversidade a partir da Análise do Comportamento.

À Jéssica Gomes e Ely Ataíde Junior, agradeço imensamente por compartilharem comigo o amor pelo estudo das relações de intimidade e vulnerabilidade, pelo apoio durante esse percurso de pesquisa, e por todo o aprendizado em conjunto regado de momentos de muito afeto.

À Ilma Britto, minha orientadora, agradeço imensamente por sua generosidade e carinho nesse caminho. Agradeço também por ter acreditado em mim e nessa pesquisa e embarcado nesse trabalho que foi tão desafiador. Seu suporte foi essencial para mim.

Agradeço imensamente aos participantes dessa pesquisa, que me permitiram conhecê-los de forma tão íntima e vulnerável. Sem vocês, essa contribuição à nossa comunidade e para o meu caminho enquanto pessoa e profissional não existiria.

À Raquel, agradeço por ter sido tão presente e parceira durante esse processo, e também à Aline, que junto à Raquel, tem sido lugar de acolhimento e encontro. Agradeço também às

minhas amigas Carol e Bruna, por sonharem e trabalharem comigo, com a perspectiva profissional e pessoal de sermos comprometidos com perspectivas de saúde voltadas para as populações negras e minorias de sexo e gênero. E a todas essas mulheres e excelentes profissionais (Raquel, Aline, Carol e Bruna), agradeço pelo apoio, identificação (mesmo na diferença) e carinho em cada momento compartilhado. Vocês são inspirações pessoais e profissionais constantes para mim.

À Anelise, agradeço pela amizade, apoio e fé em mim. Você foi essencial para que eu chegasse até esse momento. E continuou sendo ao se fazer presente.

À Helena, minha amiga e família, por me apoiar em cada sonho e momento de vida compartilhado e me ensinar sobre a importância das relações que se baseiam em laços e afetos. Por me ensinar sobre os laços que se constroem com a família que podemos escolher, nunca agradecerei o suficiente por isso.

À minha Mãe, agradeço por sempre ter me apoiado mesmo em sonhos que não compreendia a dimensão, mas que apoiava o significado que tinha para mim. Agradeço ainda por continuar acreditando em mim, e assim me ajudar a acreditar quando eu mesmo duvidava. Agradeço também ao meu Pai por toda a ajuda e suporte nos últimos anos, você se fez muito importante nesse caminho e afeto.

Por fim, agradeço a mim mesmo por não ter desistido mesmo com as dificuldades que se colocaram em toda a minha formação profissional e acadêmica, e no difícil caminho de ser profissional da saúde e trabalhar com pesquisa em saúde de minorias em meio a uma pandemia global e um contexto social e político tão desafiador.

Dedico este trabalho aos meninos,  
garotos e homens, que por suas  
peles, cores e formas precisaram  
inventar um jeito para se amar e  
amar.



## Resumo

O objetivo deste trabalho foi empregar o processo de avaliação funcional para identificar os eventos estressores que antecederam e consequenciaram as respostas de estresse em dois homens negros homossexuais, que serviram como participantes. Um segundo objetivo foi intervir nas respostas de estresse com o uso da Psicoterapia Analítico Funcional. Os procedimentos foram controlados por dois delineamentos: o de múltipla condição e o de reversão, ABA. Para essa finalidade foi utilizada a) avaliação funcional indireta, o que envolveu o uso de entrevistas; b) avaliação funcional direta, observações dos comportamentos dos participantes no contexto clínico e c) análise funcional (experimental) com duas condições principais, *atenção* e *demanda*, similares aquelas de Iwata et al., (1982/1994). Sendo que a condição de demanda foi subdividida em outras duas subcondições. Para intervir nos comportamentos identificados foram empregadas as bases da Psicoterapia Analítica Funcional dentro do modelo de Estresse de Minoria. Os resultados demonstraram que métodos e técnicas utilizadas foram eficazes para o controle das respostas de estresse dos participantes. Demonstrou-se também a possibilidade dessa aplicação conjunta a fim de atender as demandas clínicas considerando o contexto social, além de contribuir para preencher lacunas quanto aos usos dos métodos e técnicas da análise do comportamento aplicada no atendimento a demandas no contexto de estresse de minoria.

Palavras-chave: Análise do Comportamento Aplicada; Avaliação e Análise Funcional; Estresse de Minoria; Psicoterapia Analítica Funcional.



## Abstract

The objective of this study was to employ the functional evaluation process to identify the stressor events that preceded and consequenced the stress responses in two black homosexual men, that served as participants. A second goal was to intervene in the stress responses with the use of Functional Analytical Psychotherapy. The procedures were controlled by two settings: multiple condition and reversal, ABA. For this purpose it was used a) indirect functional assessment, which involved the use of interviews; b) direct functional assessment, observations of the participants' behaviors in the clinical setting and c) functional analysis (experimental) with two main conditions, attention and demand, similar to those of Iwata et al., (1982/1994). The demand condition was subdivided into two other sub-conditions. To intervene in the identified behaviors the bases of Functional Analytic Psychotherapy were employed within the Minority Stress model. The results demonstrated that the methods and techniques used were effective in the control of the participants' stress responses. It was also demonstrated the possibility of this combined application in order to assist clinical demands considering the social context, as well as contributing to fill gaps regarding the uses of behavior analysis methods and techniques for assisting demands in the minority stress context.

Keywords: Applied Behavior Analysis; Evaluation and Functional Analysis; Minority Stress; Functional Analytic Psychotherapy.

## Lista de Figuras

Figura 1. Comparação entre aplicação e replicação da análise funcional de P1.....	66
Figura 2. Comparação entre aplicação e replicação da análise funcional de P2.....	67
Figura 3. Frequências dos CRBs de P1 durante o programa de intervenção.....	68
Figura 4. Frequências dos CRBs de P2 durante o programa de intervenção.....	70

## Lista de Tabelas

Tabela 1. Condições experimentais controladas pelo delineamento de múltiplos elementos.....	51
Tabela 2. Caso P1 – Padrão A – Compensação e Impessoalidade.....	55
Tabela 3. Caso P1 – Padrão B – Indisponibilidade Afetiva.....	56
Tabela 4. Caso P2 – Padrão A – Atender aos outros.....	57
Tabela 5. Caso P2 – Padrão B – Evitação.....	58
Tabela 6. Pontuação bruta de P1 na aplicação de FIAT-Q.....	59
Tabela 7. Pontuação bruta de P2 na aplicação de FIAT-Q.....	60
Tabela 8. Dados de Observação Direta de P1.....	61
Tabela 9. Dados de Observação Direta de P2.....	63
Tabela 10. Comportamentos Clinicamente Relevantes de P1.....	64
Tabela 11. Comportamentos Clinicamente Relevantes de P2.....	65

## Lista de Abreviaturas e Siglas

AC – Análise do Comportamento

AF – Análise Funcional

AFE – Análise Funcional Experimental

CRB – Clinically Relevant Behavior (Comportamento Clinicamente Relevante)

EM – Estresse de Minoria

FAP – Functional Analytic Psychotherapy (Psicoterapia Analítica Funcional)

FIAT – Functional Idiographic Assessment Template (Modelo de Avaliação Funcional e Idiográfica)

MSG – Minorias de Sexo e gênero

## Sumário

Considerações iniciais .....	14
Sobre a Ciência do Comportamento .....	16
Estresse de Minoria .....	20
Expectativa antecipatória de rejeição .....	22
Estigmas: Imposto e Internalizado .....	24
Ocultação e Estressores Interseccionais .....	27
Avaliação Funcional e Análise Funcional .....	29
Modelo de Avaliação Funcional e Idiográfica .....	39
Análise Funcional e Psicoterapia Analítica Funcional .....	41
Problema de pesquisa e objetivos do presente estudo .....	43
Método.....	44
Participantes.....	44
Procedimento.....	47
I - Avaliação funcional indireta .....	47
II – Avaliação funcional por observação direta.....	48
III - Análise Funcional (experimental) .....	48
IV - Programa de Intervenção. ....	51
V – Fases de LB-I e de LB II.....	51
VI – Fase de Intervenção: formulações dos CRBs .....	51
VII – Análise dos dados.....	52
Resultados.....	55
Discussão .....	71
Referências .....	79
Anexo A – Modelo de Estresse de Minoria.....	83
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	84
Anexo C – Plano de Aplicação da Análise Funcional P1.....	87

Anexo D – Plano de Aplicação da Análise Funcional P2 .....	88
--	----

## AVALIAÇÃO FUNCIONAL E PSICOTERAPIA ANALÍTICO-FUNCIONAL PARA INVESTIGAR OS EFEITOS DAS CONTINGÊNCIAS DE ESTRESSE MINORITÁRIO NAS RESPOSTAS DE HOMENS NEGROS HOMOSSEXUAIS.

### *Considerações iniciais*

Um dos marcadores importantes para o presente trabalho, foram os argumentos em um artigo que nos remete à envolvente questão, *Estresse de Minoria e Minorias de Sexo e Gênero*<sup>1</sup>. Contudo, quando foi retomado o seu processo de construção, foi possível notar que esta pesquisa teve um marcador anterior, um avanço importante em um texto nomeado *Vivendo de Amor*<sup>2</sup>. O referido texto trata de como o amor e outros afetos para pessoas negras, em especial mulheres negras, foi, e ainda é marcado pelo racismo e a escravidão.

Ambos os textos foram os precursores para este trabalho. Isso porque apontam como as contingências do estresse minoritário se relacionam com a forma que os comportamentos de indivíduos negros foram moldados e transmitidos entre as gerações. Devido à sua influência, pode-se notar, ainda que em outra linguagem e base teórica, uma forma de compreender a relação entre ser minoria e como esse sofrimento aparece na vida dos indivíduos, tanto em “grandes” padrões de comportamento, como também nas “pequenas” nuances dos afetos.

Encorajado pelas leituras dos textos e tendo como base alguns dos princípios e estratégias da Análise do Comportamento deu-se início à presente investigação. Mesmo conhecedor dos desafios que poderiam ser encontrados, foi possível considerar o potencial das ferramentas comportamentais para avaliar e intervir nesse tipo de problema, na tentativa de diminuir os sofrimentos de quem os experiencia.

Justifica-se então o Processo de Avaliação Funcional (AF) e a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) fazerem parte desse trabalho. A AF sendo um princípio importante nas

---

<sup>1</sup> Skinta, M. D., Hoeflein, B., Muñoz-Martínez, A. M., & Rincón, C. L. (2018). Responding to gender and sexual minority stress with functional analytic psychotherapy. *Psychotherapy (Chicago, Ill.)*, 55(1), 63–72. <https://doi.org/10.1037/pst0000157>

<sup>2</sup> bell hooks. (2010). *Vivendo de Amor*. Portal Geledés. Tradução de Maísa Mendonça. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: jan/2023.



aplicações da ciência do comportamento em diferentes ambientes como a literatura indicava, a FAP enquanto um modelo de psicoterapia que se baseia no behaviorismo radical e olha para questões interpessoais de uma forma “afetiva”.

Os efeitos das contingências no modelo de Estresse Minoria pareciam complementar e aproximar essa base teórica das temáticas de racismo e diversidade. Por tudo isso, simplesmente mais do que um olhar para relações interpessoais a partir da AC, olhar para o sofrimento de pessoas LGBTQs negras, tendo em vista que muito do seu sofrimento está nos afetos e nas relações interpessoais.

A presente dissertação é uma tentativa de atender aos critérios da AC enquanto ciência do comportamento, olhar com cuidado para demandas de minorias e assim tornar mais próximos conceitos, formulação e intervenção, para pessoas negras e LGBTQs, em especial homens negros homossexuais. Mais do que isso, um projeto pessoal e também afetivo, em atender as demandas de pessoas negras LGBTQs.

### *Sobre a Ciência do Comportamento*

A Análise do Comportamento (AC) é, ao mesmo tempo, nas palavras de Madden (2013), um campo de estudo, uma disciplina e uma ciência que possui uma abordagem empírica para entender e influenciar o comportamento dos organismos. Ao se preocupar em identificar os antecedentes e consequentes do comportamento, deve-se levar em conta as contingências respondentes, operantes e as culturais, isto é, a filogênese, a ontogênese e a cultura.

Nesse sentido, os sentimentos ou estados mentais devem ser analisados como produtos colaterais das contingências que os geraram (Catania, 1988; Skinner, 1974), isso porque o que é sentido não é causa (Skinner, 1989). Skinner (1974) afirma que uma pequena parte do universo está contida dentro da pele: a sentimos e a observamos, e seria loucura negligenciar essa fonte de informação. Daí o sentir ou o sofrer, qualquer que seja o sentimento ou sofrimento, serem analisados como respostas.

Em um sentido mais geral, o sentir e o sofrer, como qualquer outro comportamento dos repertórios comportamentais dos indivíduos, inclusive aqueles que compõem classes nomeadas como “sintomas” psicopatológicos, têm relação com os contextos nos quais os indivíduos estão inseridos e nas relações que estabelecem. No presente estudo, serão examinadas as contingências mantenedoras das respostas de estresse em indivíduos que pertencem a grupos minoritários e que sofrem as consequências de seus efeitos negativos em suas relações afetivas e sociais.

Skinner (1989) afirma que contingências de reforçamento mudam a maneira pela qual respondemos aos estímulos. Tais contingências podem ser amplas como as denominadas por Ruiz (2003) como contingências sociais de gênero, que estabelecem reforçadores e contingências diferentes para os indivíduos em acordo com o gênero designado para ele ao nascimento, como também as contingências raciais, que similarmente ao proposto por Ruiz

(2003) quanto ao gênero, irão diferenciar as contingências, mas aqui tal diferenciação irá ocorrer pelo grupo étnico-racial que o indivíduo pertence ou faz parte.

Como aponta Ruiz (2003), temáticas de gênero foram historicamente negligenciadas pelos analistas do comportamento. Apesar disso, algumas pesquisas demonstram possibilidades da utilização de variáveis de gênero pela AC (Fideles & Vanderberghe, 2014; Silva & Laurenti, 2016; Mizael, 2019; Pinheiro & Oshiro, 2019; Nicolodi & Arantes, 2019). Essas utilizações são possíveis pois como apontam Silva e Laurenti (2016), no behaviorismo radical o indivíduo é compreendido como produto de temporalidades históricas diferentes, selecionadas em função da história filogenética da espécie, de contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios individuais, a ontogênese, e de contingências especiais mantidas pelo ambiente cultural.

Ao propor relações contingenciais, a AC considera relações condicionais probabilísticas que ocorrem no tempo, sendo que cada nível de seleção constituiria um tipo de variação e seleção diferentes. Assim, os processos de variação e seleção na proposta behaviorista radical baseariam a concepção antiessencialista e esta pode ser utilizada para inserir a noção de gênero como histórico e contingente (Silva & Laurenti, 2016).

Ao buscar pontes entre AC e o movimento feminista, Mizael (2019) apresenta pontos de convergência com a Teoria da Interseccionalidade (TI). A autora supracitada destaca que a TI enfatiza as implicações da coexistência de diferentes aspectos individuais e da relação destes com o contexto no qual este indivíduo está inserido, marcando o caráter relacional de contexto e sujeito. Deste modo, evidencia a relevância de análise das interações e intersecções de variáveis “como raça, sexo designado ao nascimento, identidade de gênero, orientação sexual, deficiências, classe, idade/geração, território, nacionalidade, corporalidade” (Mizael, 2019, p. 46).

Considerando o entendimento de gênero como contingente, bem como com compreensão de singularidade inerente à filosofia do behaviorismo radical, é questionável o entendimento dos termos “mulher” ou “homem” como universais. Isto porque existem intersecções entre marcadores (produtos tanto do nível filogenético quanto ontogenético e nível cultural) que vão interferir no processo de dar sentido à dimensão orgânica, além de especificar, ainda mais, as contingências sociais que estes homens e mulheres irão participar (Mizael, 2019; Silva & Laurenti, 2016; Ruiz, 2003).

Com o objetivo de estudar e compreender como vivenciar situações de preconceito, discriminação e estigmatização afetam a saúde de pessoas que fazem parte de grupos minoritários, Meyer (2003) propõe o modelo de Estresse de Minoria. De acordo com Meyer (2003), vivenciar tais experiências, recorrentes na vida de pessoas que fazem parte de grupos minoritários, tem três amplos impactos para a saúde: internalização de estigmas; ocultação de identidade; e sensibilidade à rejeição ou à discriminação.

O termo Estresse Minoritário surge inicialmente com o objetivo de compreender o sofrimento de pessoas lésbicas, gays e bissexuais (LGB). Entretanto, este termo tem sido utilizado para compreender a experiência pessoal e privada de quem se sente doente, qual seja, respostas corporais sofridas em decorrência dos eventos estressores de outras populações minoritárias, tais como minorias de gênero e pessoas negras. McConnell et al. (2018) identificam formas únicas de Estresse Minoritário entre pessoas LGBTs não brancas, dentre elas incluem-se situações de racismo na comunidade LGBT; heterossexismo na comunidade étnico-racial à qual pertencem; e racismo e discriminação em encontros e relacionamentos íntimos.

McConnell et al. (2018) salientam que tais elementos, por serem específicos, são perdidos em estudos que focam apenas um eixo de estresse minoritário, evidenciando-se que uma perspectiva interseccional se mostra de suma importância para reduzir invisibilidades

interseccionais e assim permitir melhor compreensão de disparidades em saúde ao auxiliar no entendimento das implicações das desigualdades sociais.

Skinta et al. (2018), ao analisar os impactos do Estresse Minoritário no sofrimento de pessoas que compõem minorias sexuais e de gênero em seus processos de psicoterapia afirma que cada uma das categorias identificadas por Meyer (2005) tem desdobramentos importantes para as relações interpessoais. Além disso, Skinta et al. (2018) aponta ainda que a Psicoterapia Analítico Funcional (FAP) poderia ser um método eficaz de intervenção sem que fossem necessárias grandes mudanças no modo de intervenção, pois a própria teoria já tem como foco a relação interpessoal como forma de análise e intervenção.

Importante destacar que as pesquisas anteriormente mencionadas que tratam de considerar variáveis como raça e sexualidade (Skinta et al, 2018; McConell et al, 2018) não são brasileiras. Portanto, muitas das variáveis até aqui levantadas, as quais são de ordem social e histórica, apresentam diferenças a serem consideradas quando se analisa o contexto nacional. No que tange à pesquisa clínica sobre racismo no Brasil, não há um “corpo de conhecimentos, métodos ou estratégias sistematicamente desenvolvidas para o manejo das repercussões do racismo para saúde mental de pessoas negras” (Tavares & Kuratani, 2019, p.2).

Fazzano et al. (2020), ao analisarem as produções da pós-graduação no Brasil relacionando à AC e à população LGBT, identificam que houve um aumento no número de produções, entretanto, tal aumento não configuraria, para os autores supracitados uma consolidação da temática no campo da AC. Fazzano et al. (2020) ainda apontam que os estudos identificados têm como foco principal a *descrição* (itálicos nossos) dos fenômenos da violência. Porém, essa abordagem do tema não implicou em aprofundar as consequências das agressões para a vítima ou mesmo possíveis intervenções analítico-comportamentais nas demandas dessa população. Por fim, os autores supracitados indicam como um dos possíveis caminhos de pesquisa a promoção de intervenções.

Mussi e Malerbi (2020) realizaram uma revisão, sob a perspectiva da Análise do Comportamento, de estudos que empregaram terapia afirmativa para pessoas LGBT. Os autores supracitados identificaram publicações que se referiam a intervenções nomeadas como terapia afirmativa, entretanto, cada uma utilizava uma abordagem psicológica distinta para embasar o processo terapêutico. Em 57% das publicações, a abordagem era cognitivo-comportamental, isolada ou utilizada em conjunto.

Contudo, não foi identificado pelos autores supracitados publicações que utilizassem aplicações da AC como abordagem teórica. Quanto aos métodos, os estudos identificados por Mussi e Malerbi (2020), de alguma forma, basearam-se em relatos verbais dos participantes e nenhum fez observação direta do comportamento como procedimento para obtenção de dados, que é o procedimento ouro para avaliar o comportamento em AC.

Tanto Fazzano et al. (2020) quanto Mussi e Malerbi (2020) apontam a lacuna de pesquisas que utilizam aplicações da AC para avaliação e intervenção em demandas de pessoas LGBTs. Mussi e Malerbi (2020) salientam ainda o número ainda menor de estudos que contasse com participantes não brancos, existindo uma predominância de participantes brancos, que correspondeu a 85% da amostra do estudo.

### *Estresse de Minoria*

O Estresse de Minoria (EM) trata-se das consequências físicas e psicológicas experienciadas por pessoas que compõem grupos minoritários na relação com contextos sociais, os quais são repletos de vieses, preconceitos e discriminações. Desse modo, o EM não representa falhas ou déficits intrínsecos aos sujeitos, mas o efeito dessas interações (Meyer, 1995; Skinta, 2021; Souza et al., 2022).

O termo Estresse de Minoria (EM) foi usado por Brooks (1981) para analisar o impacto da vivência pessoal e subjetiva de mulheres lésbicas em sua saúde, e ganhou destaque com a

publicação de Meyer (1995) na qual o autor propõe que participar de um grupo minoritário tem implicações para a saúde das pessoas lésbicas, gays e bissexuais (LGB).

Segundo Meyer (1995), o EM apresenta três características: (1) ser específico – somando-se aos estressores que a população em geral está exposta; (2) ser de base social – é decorrente de processos, instituições e estruturas sociais; (3) ser crônico – as contingências das quais é decorrente são relativamente estáveis.

Em suas proposições iniciais, o modelo de EM foca na experiência de minoria de pessoas com sexualidades não-heterossexuais, especificamente pessoas LGB. Entretanto, o modelo manteve-se aberto a reformulações e contribuições, que têm ampliado as análises para minorias de gênero, identificando similaridades com as minorias não-heterossexuais. Além disso, também são identificadas contribuições para interseccionalidades de raça, etnia e classe (Balsam et al., 2011; McConell et al., 2018; Skinta, 2021; Skinta et al., 2018).

Por ser um modelo relativamente recente e abrangente, existem diferentes propostas de organização e fatores que são enfatizados em cada apresentação do modelo de EM. Em suas diferentes apresentações e nomeações são apontados: (1) fatores estressores; (2) fatores de resiliência; e (3) desdobramentos na saúde (Skinta, 2021; Souza et al., 2022; Costa et al., 2020; Paveltchuk & Borsa, 2020; Meyer, 2015; Paveltchuck et al., 2020).

Tanto os fatores estressores quanto os fatores de resiliência referem-se a variáveis ambientais – sociais, materiais, históricas e fisiológicas. Essas variáveis incluem vínculos sociais, familiares ou com outras pessoas do mesmo grupo minoritário, regras e autorregras relacionadas, entre outros. Os fatores de resiliência referem-se a variáveis que diminuem o efeito das variáveis estressoras ou formas de enfrentamento que os sujeitos encontram para lidar com esses estressores. Os desdobramentos na saúde designam os impactos que esses estressores podem ter para a saúde do sujeito, atravessando repertórios e padrões comportamentais, formas de estabelecer relacionamentos interpessoais e outras consequências de saúde. (Skinta, 2021;



Souza et al., 2022; Costa et al., 2020; Paveltchuk & Borsa, 2020; Meyer, 2015; Paveltchuk et al., 2020).

Cada um dos fatores estressores ocorre com variáveis proximais e distais. Meyer (2015) descreve tais variáveis em um *continuum* “dentro-fora” do sujeito. O autor descreve os estressores distais como eventos “fora da pessoa” – discriminação, violências, microagressões, conflitos entre outros; e os estressores proximais como aqueles que são vivenciados na socialização e são “transmutados” e experienciados através de comportamentos privados como pensamentos, sentimentos, sensações e emoções – internalização de estigmas, ocultação da identidade ou orientação sexual, entre outros.

Apesar das diferentes formas de nomeação, as apresentações do modelo de EM parecem descrever os mesmos estressores: *Estigma Imposto* – discriminações, violências e perseguições; *Estigma Internalizado* – a introjeção de preconceitos e atitudes sociais negativas como parte da identidade pessoal; *Ocultação* – tentativas do indivíduo de esconder sua identidade ou comportamentos a fim de “compensar” a identidade; *Expectativa antecipatória de rejeição* – padrões de evitação e hipervigilância percebendo pequenos sinais ou sinais ambíguos como rejeição, potencializando as reações a estes (Souza et al., 2022; Skinta, 2021). Para Souza et al. (2022) a *Expectativa antecipatória de rejeição* está presente em todos os outros estressores, assim não configuraria um estressor específico, mas estaria diluído nos demais.

#### *Expectativa antecipatória de rejeição*

Para Skinta (2020) a expectativa antecipatória de rejeição ou sensibilidade de rejeição configura um padrão de sensibilidade para perceber “sinais” de possíveis contingências aversivas presentes nos contextos e uma cautela nas relações interpessoais. Assim, os sujeitos respondem a sinais ambíguos ou imprecisos como possibilidade de punição (rejeição, discriminação, humilhação e violências).

Souza et al. (2022) propõe que o processo de expectativa de rejeição remete ao modelo experimental de supressão condicionada<sup>3</sup>, no qual a sucessiva exposição a eventos aversivos elicia respostas de ansiedade, paralisa o desempenho operante e impede a emissão de respostas adaptativas para resolução de problemas. Isso ocorre ao estabelecer um pareamento entre os eventos aversivos e o ambiente antecedente imediato, tornando-o um estímulo aversivo, assim evocando os mesmos respondentes relacionados ao estímulo aversivo ao qual foi pareado.

Souza et al. (2022) ainda apontam que isto constitui um estado motivacional defensivo, no qual o organismo otimiza recursos para defesa em ocasiões aversivas, e assim alterando o responder aos estímulos subsequentes. A expectativa antecipatória de rejeição é um comportamento que se desenvolve no contexto social. Ela afeta a forma como o indivíduo irá lidar com as interações sociais e com os demais estressores. Apesar de ser uma resposta do indivíduo, não se pode desconsiderar a importância do contexto para seu desenvolvimento e de sua manutenção no repertório individual. Não se trata, portanto, de uma resposta insensível ao contexto; muitas vezes a possibilidade de punição é real (Skinta, 2021; Souza et al., 2022).

No que diz respeito ao tema motivação dentro da AC, este é considerado um dos mais importantes na área e uma variedade de teorias foram propostas para explicar o que move as pessoas a se comportarem como o fazem (Miguel, 2013). Um ponto importante é a diferença entre *o saber como fazer* e, principalmente, *o querer fazer* quando se refere à motivação, pois uma pessoa pode saber como emitir um certo comportamento, mas não querer emití-lo (Miguel, 2013). Eventos ou condições ambientais como privação e saciação, alteram temporariamente a efetividade de um reforçador ou punidor e modificam a frequência de comportamento que normalmente leva a esse reforçador ou punidor (Martin & Pear, 2018).

---

<sup>3</sup> Regis Neto, D. M., Banaco, R. A. Borges, N. B. & Zamignani, D. R. (2017). Supressão condicionada: um modelo experimental para o estudo da ansiedade. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 2(1), 5-20. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v2i1.43>

Conseqüentemente, os analistas do comportamento adotam o termo operação motivadora para tratar desses eventos. De acordo com Marcon e Britto (2015) o termo operações motivadoras (OM) é composto pelas operações estabelecedoras (OE) e abolidoras (AO), por exemplo, uma OE torna um reforçador mais eficaz, enquanto a AO o torna menos eficaz.

As primeiras histórias de rejeição, punição e violências direcionadas a minorias de sexo e gênero (MSG) costumam ocorrer em relações interpessoais próximas, como as relações familiares e com os primeiros cuidadores, e se repete em outras interações ao longo da vida de MSG. Tal história de interações pode produzir uma aprendizagem em que interações sociais configuraram possibilidade de punição eminente e levam ao desenvolvimento de padrões de relacionamento interpessoal distantes e isolamento (Meyer, 2020; Skinta et al., 2018; Souza et al., 2022).

Os possíveis desdobramentos de expectativa de rejeição são muitos. Um deles é o desenvolvimento de relações com pouca intimidade, relações voláteis e isolamento (Skinta et al., 2018; Skinta, 2021). Vale ressaltar que intimidade é compreendida pela AC como a emissão de comportamentos interpessoais que foram anteriormente punidos (comportamentos vulneráveis) e, ao invés disso, são reforçados socialmente. A intimidade ocorreria, assim, como o resultado de sucessivas interações em que comportamentos vulneráveis foram reforçados (Skinta et al., 2018; Cordova & Scott, 2001). Quando se trata de MSG, a própria expressão de gênero, o modo de falar, de se vestir ou demonstrações de afeto, muitas vezes foram comportamentos sistematicamente punidos.

### *Estigmas: Imposto e Internalizado*

Em relação ao Estigma Imposto, Souza et al. (2022) apontam que três processos já pesquisados pela análise do comportamento podem auxiliar a compreendê-lo e os seus efeitos: (1) desamparo aprendido; (2) modelo de estresse crônico moderado; e (3) ambiente invalidante.

Segundo Souza et al. (2022) o modelo experimental de desamparo aprendido pode ser útil para analisar os efeitos dos altos índices de violência e discriminação na alta incidência de respostas emocionais e problemas de saúde mental de MSG. A incontrollabilidade dos eventos aversivos e seu resultado na aprendizagem de um responder do indivíduo que não apresenta conexão com as mudanças no ambiente acarreta uma diminuição na responsividade do indivíduo ao ambiente.

A exposição a sucessivos eventos aversivos incontrolláveis ocorre desde cedo e permanecem ao longo da vida de MSG. Esses eventos podem variar desde agressões ou microagressões, até perda de suporte social. Descrevem, portanto, riscos tanto à integridade física dos sujeitos quanto punições diversas e perdas de reforçadores importantes. (Souza et al., 2022)

O estresse crônico moderado refere-se à exposição a eventos incontrolláveis com intensidade moderada, que têm como efeito perda do prazer em atividades – anedonia. Esse modelo se complementa ao modelo de desamparo aprendido enquanto padrões de comportamento associados ao diagnóstico de depressão (Souza et al., 2022)

Souza et al. (2020) associam ainda o Estigma Imposto ao conceito de ambiente invalidante proposto por Linehan (2010), que é caracterizado por um ambiente em que a comunicação de experiências privadas – emoções, sensações, sentimentos e pensamentos – é conseqüenciada pelo contexto social com respostas irregulares, imprevisíveis, inadequadas ou extremas. Esse modo como o ambiente conseqüencia a expressão de experiências privadas é nomeada como invalidante, visto que pune a resposta, ridicularizando, desacreditando ou a amenizando.

As possíveis conseqüências dos ambientes invalidantes podem ser tanto a desregulação emocional quanto a esquiva experiencial. A desregulação emocional é caracterizada pela dificuldade de lidar adequadamente com as emoções, o que pode ocorrer pela incapacidade de

inibir comportamentos impulsivos ou inapropriados, incapacidade de auto-organização para realizar ações direcionadas para objetivos, ou ainda pela dificuldade para conseguir reduzir a ativação fisiológica diante de emoções intensas e alternar o foco atencional diante de emoções intensas. (Souza et al., 2020; Linehan, 2015).

Já a esquiva experiencial refere-se à esquiva de eventos privados, que pode se caracterizar tanto pela dificuldade de permanecer em contato com as experiências privadas aversivas quanto pelo engajamento em comportamentos que concorram com a experiência privada ou com os eventos que a provocam (Souza et al., 2020).

Apesar de serem utilizadas nomenclaturas diferentes, o Estigma Internalizado, como descrito por Skinta (2021) e a homonegatividade ou homofobia internalizada, como descrita por Souza et al. (2022) e Costa et al. (2020), parecem descrever o mesmo processo, quais sejam, a introjeção de preconceitos e atitudes sociais negativas como parte da identidade pessoal, ainda que com foco e abrangência diferentes em cada descrição.

Algumas publicações sobre o modelo de EM referem-se a esse processo focando apenas na experiência de pessoas LGB, e apontando que podem ser realizadas equiparações para pessoas gênero-diversas, ou seja, aquelas que destoam de uma norma cisnormativa (Costa, 2020; Souza et al., 2022; Paveltchuck & Borsa, 2020). Já em outras publicações, é enfatizado o caráter interseccional do modelo de EM, como nas intersecções de sexualidade-gênero e raça/etnia. Assim, considerando que EM, em sua forma atual, não lida apenas com MSG, descrever como internalização de estigma, parece dar mais amplitude para descrição de eventos que envolvem processos similares, como o EM de pessoas negras, foco deste estudo, ainda que com contingências sociais distintas (Skinta, 2021; McConell et al., 2018; Balsam et al., 2011; Skinta et al., 2018).

Dito isso, e tendo em vista o escopo deste trabalho, no presente texto será utilizado o termo Estigma Internalizado. Souza et al. (2022) relacionam a “internalização” e “assimilação”

presentes no Estigma Internalizado ao conceito de *self*. O processo de desenvolvimento do *self* tem como referência primária o corpo do sujeito, e é com base nele que a história de interação com a comunidade verbal e a experiência privada ocorre. Esse mesmo corpo, no caso de MSG, ao passar por experiências repetidas de invalidação, violências e rejeição, podem adquirir valor negativo. Além da experiência direta com contingências punitivas, pode ocorrer a aprendizagem através das regras e autorregras presentes do contexto social.

Souza et al. (2022) apontam que essas experiências com o próprio corpo ou desejo e sua associação com sentimentos como repulsa, vergonha ou culpa, podem levar a comportamentos com função de compensar essa condição. Esses comportamentos podem adquirir topografias diversas, como engajamento em desempenhos irrepreensíveis socialmente, padrões extremamente exigentes de desempenho profissional ou padrões de beleza física. Os padrões de compensação podem cumprir tanto uma função reforçadora ao produzirem reforçadores tangíveis e status nos contextos sociais, quanto reproduzir a história de invalidação ao negligenciar autocuidado e desconsiderar limites físicos e emocionais (Souza et al., 2022).

### *Ocultação e Estressores Interseccionais*

A ocultação é um mecanismo de enfrentamento comum para MSG, que tem como função esquivar-se de perseguições, constrangimentos e violências. Pode aparecer com diferentes topografias, como tentativas de esconder experiências privadas, hipervigilância, isolamento, dissimulação de comportamentos que não são considerados socialmente adequados para sua identidade de gênero ou a simulação de outros que sejam socialmente considerados como adequados (Skinta, 2021; Souza et al., 2022).

A ocultação pode se configurar como uma experiência estressora e frequente, pois pode se repetir cotidianamente, quando o sujeito é inserido em um novo trabalho ou escola, na mudança para um novo bairro ou comunidade, com amigos ou conhecidos, entre outros. Dentro

os vários possíveis desdobramentos para a saúde podem-se identificar um desenvolvimento de *self* privado e público distintos, a dificuldade de conexão com comunidades, autoidentificação com grupos de apoio e suporte social (Souza et al., 2022).

Skinta (2021) afirma por diversas vezes que o modelo de EM é incompleto. Isso ocorre porque ainda está em aberto para reformulações e contribuições, mas também por não abarcar todas as vivências de minorias. Quando se busca analisar as contingências a que estão sujeitas MSG não-brancas não é possível simplesmente fazer um processo de “adição” de estressores (Mizael, 2019; Skinta, 2021; Souza et al., 2022).

Embora tenham tentativas de realizar avaliações que consigam descrever de modo adequado os estressores interseccionais, elas ainda são incipientes. Por não ser possível a simples “adição” de estressores nas análises, é necessário identificar como as interseccionalidades, especialmente aquelas que envolvem marcadores sociais já considerados na sociedade como “negativos”, irão alterar as vulnerabilidades a que cada indivíduo está sujeito (Mizael, 2019; Skinta, 2021; Souza et al., 2022). Ainda que as tentativas sejam incipientes, o modelo de EM auxilia na análise de elementos interseccionais, isso porque permite considerar as implicações para diversos grupos minoritários, desde que sejam consideradas as situações específicas para o grupo em questão. (Skinta, 2021).

Skinta (2021) propõe estressores interseccionais em seu modelo. Para isso ele especifica alguns dos fatores estressores e dos fatores de resiliência presentes para MSG não-brancas (Anexo A). Quanto ao estigma imposto, pode-se verificar os maiores índices de violência contra MSG não-brancas. O estigma internalizado inclui estereótipos exclusivos de minorias sexuais e de gênero com base na raça e etnia. A expectativa antecipatória de rejeição inclui o racismo na comunidade MSG e o racismo sexual, ou seja, as expressões e atitudes de atração sexual que excluem ou fetichizam pessoas não-brancas dentro da comunidade MSG. A ocultação da identidade MSG pode ter funções específicas dentro de comunidades não-brancas (Skinta,



2021). Outro estressor adicional importante mencionado por Skinta (2021) é o estresse provocado, mesmo dentro das comunidades MSG, por estar em inconformidade com padrões específicos de corpo e beleza, o que poderia ocorrer, por exemplo, com pessoas não-brancas e com pessoas gordas (Skinta, 2021).

As interseccionalidades salientadas nesses fatores incluem conexão com comunidades MSG não-brancas. Orgulho da identidade de forma integral, considerando tanto os aspectos identitários relacionados a MSG quanto outras intersecções como a raça e etnia. O destaque de fatores de resiliência está relacionado à identificação de contingências que diminuem as chances de o estresse provocado levar a quadros patológicos.

Cabe demarcar que, quando se fala de EM, as intervenções e cuidados são direcionados a populações que continuam em um contexto social com contingências sociais que os prejudicam e adoecem. Assim, falar de resiliência nessa perspectiva exige cuidado, pois há o risco de focá-la, sem considerar adequadamente as contingências sociais em que o sujeito está inserido, e considerá-lo o responsável por lidar com os estressores e seus impactos à saúde (Meyer, 2015; Skinta, 2021).

Considerar a resiliência como mediador exclusivo, de modo a responsabilizar o indivíduo pelos desdobramentos em saúde provocados pelos eventos estressores a que está sujeito, parece um contrassenso à perspectiva behaviorista radical, pois ignoraria o papel crucial do contexto e o seu controle sobre o comportamento.

### *Avaliação Funcional e Análise Funcional*

A identificação de relações funcionais é uma das características da Análise do Comportamento Aplicada (do inglês, *Applied Behavior Analysis*, ABA) sendo que a avaliação funcional é uma ferramenta bem estabelecida para sua realização. Tanto no contexto de pesquisa quanto no contexto de prática clínica, essa tem sido uma ferramenta defendida e

utilizada para a efetiva identificação de variáveis antecedentes e consequentes que ocasionam e mantêm comportamentos, inclusive comportamentos-alvo (Britto, Marcon & Oliveira, 2020).

A utilização e defesa desse método baseia-se na importância de identificações claras de variáveis de controle do comportamento, tendo em vista que isso informa a efetividade de possíveis tratamentos ou intervenções, ou seja, identificar tais variáveis permite mais do que a simples junção de intervenção e comportamento-problema. A identificação de contingências e mantenedores possibilita delineamento de intervenções individualizadas e efetivas, baseadas na função de tais comportamentos (Britto et al., 2020).

O termo avaliação funcional tem sido utilizado para englobar uma variedade de métodos, contudo, existem distinções importantes a serem consideradas. Britto et al (2020, p.5) apontam que os termos “avaliação funcional” e “análise funcional” referem-se a métodos diferentes. Segundo os autores supracitados, o termo *avaliação funcional* é apropriado ao referir-se às “atividades envolvidas em coletar informações e formular hipóteses explicativas do comportamento-problema”. Já o termo *análise funcional* refere-se à testagem das hipóteses propostas, a qual ocorre por meio da manipulação sistemática de variáveis ambientais para verificar sua função antecedente ou consequente no controle de comportamentos-problema.

Britto e Marcon (2019) analisaram a produção intelectual docente e discente oriundos do Programa Stricto Sensu em Psicologia da PUC Goiás, entre os anos 2003 e 2019. Foram identificados 59 estudos na área de Análise do Comportamento Aplicada nas quais é evidenciado a diversidade de temáticas, públicos-alvo e comportamentos-problema. Cabe ainda enfatizar que para cada um desses métodos foram identificados recursos e elaborações de condições diferentes, pois cada uma das áreas e aplicações necessitavam de delineamentos individualizados e eficazes. As especificidades de cada um dos estudos conseguiram ser abarcadas em cada um desses métodos pois sua ênfase está na função, permitindo assim adequações quando necessárias (Britto & Marcon, 2019).

Britto et al. (2020) esclarecem as classificações desses métodos: os *métodos indiretos* incluem respostas durante entrevistas, questionários etc.; os *métodos descritivos* envolvem a coleta de dados observacionais sobre eventos ambientais que ocorrem simultaneamente com o comportamento-problema; já a *análise funcional* (experimental) envolve a coleta de dados, enquanto variáveis antecedentes e consequentes são manipuladas sistematicamente.

Os dados obtidos através de avaliação funcional por observação indireta são ricos e numerosos. Entretanto, são pouco confiáveis em função de serem obtidos por meio de relatos, assim sendo indicada a utilização de métodos de observação direta. Isso porque na observação direta os comportamentos podem ser registrados, medidos de modo sistemático e objetivo (Britto et al., 2020). Já a manipulação de variáveis para testar as relações funcionais, ou seja, a análise funcional, tornou-se parte dos procedimentos de avaliação funcional por possibilitar a testagem das hipóteses levantadas nos outros métodos da avaliação (Britto et al., 2020).

O trabalho de Iwata et al. (1982/1994) foi pioneiro na utilização de avaliação e análise funcional ao estruturar condições para testar as funções dos comportamentos-problema. O objetivo do referido estudo foi avaliar as relações funcionais entre a autolesão e eventos ambientais específicos, apresentados em nove crianças com atraso no desenvolvimento. Para isso, delinearum um conjunto de condições experimentais a fim de identificar as fontes de reforçamento mantenedoras de comportamentos-problema. Foram delineadas quatro condições: reforço social positivo (atenção contingente); reforço negativo (condição de fugas de demandas); e o reforço automático (condição sozinho). As condições foram intercaladas com uma condição de controle. Cada um dos participantes foi exposto a todas as condições, possibilitando assim avaliar os efeitos de cada condição no repertório de cada um.

Desde a publicação de Iwata et al. (1982/1994), considerado como o estudo seminal dessa metodologia, muitos outros pesquisadores replicaram, adaptaram e realizaram diferentes aplicações e variações da mesma. Hanley, Iwata e McCord (2003) realizaram uma revisão, a

fim de analisar as publicações que utilizaram a análise funcional até o ano 2000. Foram identificados e incluídos na revisão um total de 277 estudos empíricos, com base nos critérios: aplicação de uma avaliação pré-tratamento com base na observação direta e medição do comportamento-problema conduzida sob pelo menos duas condições de manipulação em desenvolvimento de alguma variável ambiental, a fim de demonstrar uma relação entre o evento ambiental e o comportamento.

Beavers, Iwata e Lerman (2013) replicaram a revisão realizada por Hanley et al. (2003), analisando publicações entre 2001 e 2012, e identificaram 981 estudos de análise funcional que atendiam aos critérios de inclusão. Ambas as revisões indicam o aumento do uso da análise funcional, bem como sua integração na avaliação comportamental. Isso se verifica não apenas no campo da Análise do Comportamento Aplicada, mas também em áreas relacionadas, sendo evidenciado pelo aumento do número de periódicos tradicionais que representam uma série de pesquisas de serviços humanos em que os estudos sobre análise funcional são publicados (Beavers et al., 2013).

Ao comparar os resultados dos levantamentos realizados por Hanley et al. (2003) e Beavers et al. (2013), é possível identificar que a análise funcional (experimental) tem sido utilizada de maneira cada vez mais diversa. Por exemplo, quanto à população – deixando de ser focada em pessoas institucionalizadas ou com deficiência; quanto à topografia; e quanto aos delineamentos utilizados – é possível identificar desenhos diversos considerando as funções que objetivavam avaliar.

Como salientado por Beavers et al. (2013), é difícil determinar precisamente o que levou às mudanças, pois existem muitas variáveis que podem ter influenciado. Mas o que se verifica com essas mudanças é a flexibilidade da análise funcional para a avaliação de comportamentos relevantes. O método de análise funcional tem sido utilizado com delineamentos diversos para conseguir avaliar o que é proposto em cada uma das populações e comportamentos-alvo.

Assim, o que se constata é a utilidade da análise funcional para pesquisas com populações diversas e não apenas para pesquisas com populações institucionalizadas ou com comprometimento no desenvolvimento. A diversidade de condições, populações e comportamentos-alvo, cada vez mais presente nas publicações, demonstra que esse método pode ser utilizado para examinar as variáveis que facilitam ou inibem comportamentos-alvo em populações com ou sem comprometimento grave no desenvolvimento, desde que se tenha como objetivo a identificação de variáveis de controle e se adequem as condições de avaliação (Beavers, et al., 2013).

Hanley et al. (2003) afirma que não há um conjunto de regras para utilização da análise funcional, mas indicam que é possível identificar práticas melhores, e assim orientam: (a) limitar as classes de resposta a uma ou algumas topografias de comportamento, definindo operacionalmente o comportamento-alvo; (b) programação de consequências para a ocorrência de comportamento-alvo; (c) incorporar influências de operações motivadoras antes e durante a avaliação; (d) incluir SD para facilitar a discriminação das condições de teste; (e) conduzir sessões breves (por exemplo, 10 minutos); (f) incluir testes para identificar comportamentos mantidos por reforço automático; (g) considerar as durações relativas de reforço ao interpretar os resultados da análise; (h) realizar testes para relações funcionais entre o comportamento-alvo e reforço tangível somente quando as informações preliminares de avaliação indicarem a existência dessa relação; (i) organizar condições comuns de teste e progredir para avaliações mais longas ou complexas conforme necessário; (j) utilizar outras fontes de informação (métodos indiretos – incluindo entrevistas e questionários – e método de observação direta ou análise descritiva) como adjuntos para estruturar as análises mais complexas (Hanley et al., 2003; Britto et al., 2020).

A Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) é um modelo de psicoterapia proposto por Kohlenberg e Tsai (1991). Sua base filosófica é o behaviorismo radical, portanto, explica a ação humana em termos de comportamento – a interação organismo-ambiente. O que se busca compreender são as variáveis que controlam o comportamento, ou seja, quais os eventos que estão de alguma forma relacionados ao comportamento que está sendo analisado. Essa tentativa de descrever sistematicamente as relações funcionais é chamada de *análise funcional do comportamento* (Kohlenberg & Tsai, 1991).

Assim como sua base filosófica, a FAP valoriza a observação direta como um método de reunir dados relevantes. Aqui o termo “observado” não diz respeito apenas aos eventos públicos observáveis por mais de um observador, mas também aqueles eventos definidos pela análise do comportamento como privados, ou seja, observáveis apenas pelo sujeito que se comporta (Kohlenberg & Tsai, 1991; Skinner, 2003).

Quanto aos comportamentos privados e suas possibilidades de análise na prática clínica, Kohlenberg e Tsai (1991) acrescentam que “[...] uma vez que a observação do comportamento tenha ocorrido, os observadores são encorajados a falarem interpretativamente sobre o que foi observado, reconhecendo que a interpretação particular que for feita por eles será uma função da sua própria história pessoal” (Kohlenberg e Tsai, 1991, p.7).

A descrição do comportamento privado está sob a perspectiva de quem se comporta, e desse modo o próprio comportamento de descrever também é um comportamento que pode ser analisado (agora já um comportamento público). O comportamento de verbalizar a interpretação ocorre em função da história pessoal, mas também em função das variáveis presentes no contexto social em que ocorre. Desse modo, o comportamento de verbalizar a interpretação do comportamento privado pode informar, por exemplo, sobre repertórios de relações interpessoais, como a expressão de experiências emocionais ou asserção de necessidades (Kohlenberg & Tsai, 1991; Callaghan, 2006).

A FAP se baseia nos procedimentos e proposições teóricas da análise experimental do comportamento. Kohlenberg e Tsai (1991) apontam que as contribuições dos behavioristas radicais foram significativas, porém, sugerem que os analistas experimentais do comportamento não examinaram as possíveis implicações e extensões do behaviorismo radical relevantes para a psicoterapia de adultos. Os autores apontam que um dos obstáculos para essa utilização foi a transposição dos métodos da análise experimental do comportamento para o contexto de psicoterapia.

Assim, a FAP é formulada tendo como base a investigação de como processos pesquisados em análise experimental do comportamento como “o *reforçamento*, a *especificação de comportamentos clinicamente relevantes* e a *generalização* (itálicos nossos) podem ser obtidos dentro das limitações de uma situação típica de tratamento de consultório.” (Kohlenberg & Tsai, 1991, p. 9), e sendo um modelo de psicoterapia que se sustenta em quatro pilares fundamentais: bases filosóficas claras, a formulação de caso, uma compreensão de psicopatologia e de saúde mental (Oshiro et al., 2021).

Quanto ao reforçamento, uma das características já reconhecidas é o efeito que a proximidade física e temporal da consequência exerce na efetividade do processo, ou seja, quanto mais próxima uma consequência estiver da resposta, melhores serão os efeitos do processo. Ao transpor isso para a realidade do consultório, Kohlenberg e Tsai exemplificam:

Quando solicitado, o cliente prontamente relaxará no consultório, porque o terapeuta está presente e pode reforçar diretamente o comportamento. Por outro lado, é amiúde um problema fazer com que os clientes cumpram um programa de relaxamento em casa, entre os atendimentos, pois o terapeuta só pode reforçar o comportamento quando os clientes comparecem à consulta (Kohlenberg & Tsai, 1991, p.11).

Os autores supracitados propõem que as intervenções para os comportamentos clinicamente relevantes, tanto os comportamentos-problema como os comportamentos de melhora, podem ter melhores resultados se forem consequenciados na relação terapêutica, pois estarão mais próximos física e temporalmente da fonte de reforçamento. Em contrapartida, o possível problema dessa aplicação é uma imitação dos processos utilizados na análise experimental do comportamento, ou seja, fazer uma transposição literal dos procedimentos utilizados sem as adequações necessárias para os comportamentos-alvo (Kohlenberg & Tsai, 1991).

Ao considerar as especificidades do reforçamento, a FAP foca em promover o que há de mais significativo dos procedimentos de reforçamento. Um desses aspectos é o foco no reforçamento natural que ocorre mais facilmente e em um conjunto mais amplo de circunstâncias, fora do contexto de psicoterapia, enquanto reforçadores arbitrários são mais artificiais (Kohlenberg & Tsai, 1991; Follette, Naugle, & Callaghan, 1996).

Essa prioridade dada ao reforçamento natural ocorre em função das vantagens apresentadas por ele quando comparado com o reforçamento arbitrário, como: (1) ser contingente a uma ampla classe de respostas, não reforçando apenas respostas muito específicas; (2) a importância dada ao repertório já existente; (3) o primeiro beneficiado pelo comportamento reforçado é aquele se comporta e não aquele que consequencia o comportamento; (4) os reforçadores naturais são partes mais estáveis e fixas do ambiente natural do que os reforçadores arbitrários (Kohlenberg & Tsai, 1991).

Kohlenberg e Tsai (1991) defendem a possibilidade de utilizar os mesmos princípios para comportamentos no contexto de psicoterapia de adultos no consultório, caso o comportamento-problema do cliente ocorra durante o atendimento, como por exemplo comportamentos de relacionamento interpessoal. Os autores supracitados ressaltam ainda que os tipos mais sutis de comportamentos-alvo apresentados no contexto de psicoterapia, tanto os comportamentos-problema quanto os comportamentos de melhora, podem ser analisados, especificados e



intervenções adequadas podem ser definidas se ocorrerem na sessão e assim poderão ser observados diretamente e se o terapeuta tiver em seu repertório os comportamentos desejados.

Já a importância da generalização se traduz pela necessidade de que as melhoras obtidas no contexto de intervenção se transfiram também para a vida cotidiana. Análises de generalização tradicionais tendem a descrever e comparar as similaridades físicas entre os ambientes. Entretanto, a FAP busca realizar tal comparação baseando-se nas similaridades funcionais, assim, “os ambientes são então comparados com base no comportamento que eles evocam, ao invés das suas características físicas. Se eles evocarem o mesmo comportamento, então são funcionalmente similares.” (Kohlenberg & Tsai, 1991, p.17).

No contexto de psicoterapia, a similaridade funcional pode ser identificada quando um comportamento clinicamente relevante ocorre tanto no contexto cotidiano quanto no contexto psicoterapêutico. O comportamento aqui é analisado, como nos demais contextos, com base em sua função e não apenas por sua topografia. Se o cliente apresenta dificuldade de expressar suas necessidades ou de expor seus sentimentos nas suas relações cotidianas, e ao ter uma relação de proximidade com o terapeuta apresentar também tais dificuldades, demonstrará que os ambientes são funcionalmente semelhantes (Kohlenberg & Tsai, 1991).

No que diz respeito à aplicação clínica da FAP, o modelo de psicoterapia da FAP é estruturado considerando comportamentos do terapeuta e do cliente que ocorrem durante a sessão. Os comportamentos do cliente são categorizados como Comportamentos Clinicamente Relevantes 1 (CRB1) – comportamentos-problema; Comportamentos Clinicamente Relevantes 2 (CRB2) – comportamentos de melhora; e Comportamentos Clinicamente Relevantes 3 (CRB3) – interpretações ou descrições sobre o próprio comportamento. Assim, os objetivos da terapia são a diminuição dos CRB 1 e o aumento de CRB 2 e CRB3 (Kohlenberg & Tsai, 1991; Oshiro et al, 2021; Oshiro, Kanter & Meyer, 2012).

Já os comportamentos do terapeuta são métodos que incluem evocar, notar, reforçar e interpretar o comportamento do cliente. Os comportamentos do terapeuta afetarão o cliente através de três funções de estímulo: (1) discriminativa, (2) eliciadora e (3) reforçadora (Kohlenberg & Tsai, 1991).

Com base nas funções que o comportamento do terapeuta pode ter e no que é considerado importante para promover mudanças no comportamento do cliente, o modelo da FAP é estruturado a partir de 5 Regras: (1) Observar a ocorrência dos comportamentos clinicamente relevantes durante a sessão; (2) Evocar comportamentos clinicamente relevantes na relação clínica e assim permitir o desenvolvimento de novos repertórios; (3) Reforçar os comportamentos clinicamente relevantes do cliente utilizando reforçamento natural; (4) Avaliar o efeito do responder do terapeuta no comportamento do cliente; e (5) Fornecer análises acerca das variáveis de controle do comportamento do cliente (Kohlenberg & Tsai, 1991; Oshiro et al., 2021; Oshiro, Kanter & Meyer, 2012).

A avaliação dos comportamentos-problema inicialmente não difere de outros modelos por basear-se no relato do cliente, entrevistas, aplicações de questionários de autorrelato, entre outros, ou seja, métodos de observação indireta. Com base nesses dados, são levantadas hipóteses iniciais para a caracterização dos comportamentos-problema. A partir das hipóteses iniciais das variáveis de controle, o terapeuta passa a observar a possível ocorrência do comportamento-problema na relação terapêutica, ou seja, durante a sessão. Essa observação pode ocorrer tanto através de avaliações funcionais e hipóteses levantadas pelo terapeuta, quanto pode ocorrer através de condições que permitam evocar o comportamento-problema na sessão. (Kohlenberg & Tsai, 1991).

Portanto, a avaliação do comportamento-problema na FAP busca identificar os comportamentos que ocorrem na sessão e são funcionalmente semelhantes àqueles que ocorrem no cotidiano do cliente, e a partir dessa identificação e da ocorrência dos comportamentos em

sessão, intervir consequenciando através da relação terapêutica, pois como apresentado, o mecanismo de mudança terapêutica desse modelo é o reforçamento contingente e a modelagem de CRBs (Kohlenberg & Tsai, 1991; Oshiro et al., 2021; Oshiro, Kanter & Meyer, 2012).

Como afirmado por Kohlenberg e Tsai (1991), a FAP se baseia nos dados da análise experimental do comportamento (AEC). Desse modo, ainda que haja, na literatura da FAP, um foco na modelagem, outros processos comportamentais pesquisados pela AEC são utilizados nas intervenções. Oshiro et al. (2021) afirmam que “se formos falar em termos de processos, o mecanismo de mudança clínica na FAP não se resume apenas ao aumento de CCR2 por meio da modelagem. Podemos considerar que há outros processos subjacentes ocorrendo, como controle de estímulos, treino discriminativo, modelação, modelagem, entre outros” (p.41)

Popovitz e Silveira (2014) apontam que existem diferentes possibilidades de intervenção na FAP para cada tipo de CRB. As autoras supracitadas descrevem alternativas de resposta contingente do terapeuta aos CRBs do cliente: para CRB1 indicam o bloqueio de fuga/esquiva como forma de reduzir sua frequência e pela possibilidade de facilitar a ocorrência de um CRB2; e para o CCR2 o reforço diferencial é indicado como uma prática difundida na clínica comportamental. Tanto Popovitz e Silveira (2014) quanto Oshiro et al. (2021) indicam possibilidades de procedimentos interventivos diversos, e apontam que outros procedimentos para além daqueles mencionados podem ser utilizados.

### *Modelo de Avaliação Funcional e Idiográfica*

O Modelo de Avaliação Funcional e Idiográfica (FIAT)<sup>4</sup> é um sistema de avaliação criado para ser utilizado em conjunto com a FAP, portanto, compartilhando seus princípios e foco. Em seu manual são especificadas classes de comportamentos de relação interpessoal, baseados na

---

<sup>4</sup> Functional Idiographic Assessment Template (FIAT) System.

função e seu impacto na capacidade dos sujeitos de estabelecerem relações interpessoais eficazes (Callaghan, 2006).

O objetivo da utilização do FIAT é auxiliar na avaliação e na intervenção de comportamentos-problema do cliente e no desenvolvimento de respostas mais eficazes. Para isso, são especificadas classes de resposta, ou seja, um grupo de Comportamentos Clinicamente Relevantes (CRBs) que tem a mesma função ou efeito em particular, independente da topografia que apresentam. Assim, as cinco classes que são apresentadas no FIAT são baseadas nas funções que as classes de respostas estabelecem, bem como seus efeitos. As descrições das classes buscam delinear padrões de relacionamentos interpessoal e os efeitos percebidos pelos sujeitos. (Callaghan, 2006). As perguntas que compõem o FIAT são divididas em três tipos: Perguntas de Avaliação do Cliente abrangidas no FIAT Q; Exemplares do Cliente; e Perguntas de Avaliação do Terapeuta.

O Questionário FIAT (FIAT-Q) é composto por cinco subescalas, uma para cada Classe de Resposta. Cada subescala é composta por afirmações e o participante deve marcar se concorda ou discorda da afirmação em uma escala de 6 pontos. O objetivo da escala é identificar a extensão de um comportamento-problema ou de melhora fora da sessão. Contudo, considerando que as escalas são de autorrelato, as respostas obtidas não são consideradas isoladamente, isso porque o que é informado pode ser distinto do que de fato ocorre. Assim, é necessário considerar as respostas ao FIAT-Q como complemento de uma avaliação que possibilite observar a ocorrência dos CRBs (Callaghan, 2006). Em síntese, as Classes de Resposta presentes no FIAT são: (A) Aserção de necessidades; (B) Comunicação bidirecional; (C) Conflito; (D) Autorrevelação e intimidade; (E) Expressão e experiência emocional.

### *Análise Funcional e Psicoterapia Analítica Funcional*

Em relação a possibilidades de aplicação da análise funcional na FAP, essa é uma das possibilidades de método de avaliação, como os métodos de observação indireta, observação direta e métodos experimentais (Britto et al., 2020), dentre outros. A diversidade de possibilidades de uso da análise funcional em diferentes contextos já foi identificada (Beavers et al., 2013) e foi descrita por Britto e Marcon (2019) no contexto brasileiro. O que ambas as pesquisas identificam é a tendência à ampliação de aplicações da análise funcional para populações, comportamentos-alvo e condições diversas adequadas para cada delineamento e objetivo.

A possibilidade de aplicação desse método de avaliação em psicoterapia de adultos remete ao que Kohlenberg e Tsai (1991) afirmam ao discutir as formas iniciais de pesquisa e aplicação realizadas pelos analistas experimentais do comportamento, não explorando possibilidades de aplicação mais extensas para a psicoterapia de adultos. Mas há o alinhamento filosófico e condições para que isso seja explorado.

Ao descreverem o processo de avaliação inicial da FAP, Kohlenberg e Tsai (1991) apontam ainda que: “Uma vez que o terapeuta já tenha alguma ideia sobre o problema e suas variáveis de controle, inicia-se a avaliação da eventual ocorrência destes comportamentos na sessão. O terapeuta hipotetiza se um CRB1 estaria ocorrendo em um dado momento, ou *apresenta uma situação supostamente capaz de evocar o CRB*” (itálicos nossos) (Kohlenberg & Tsai, 1991, p.26).

A primeira parte da avaliação proposta por Kohlenberg e Tsai (1991) se classifica segundo Britto et al (2020) como uma avaliação funcional, isto porque se baseia em métodos de observação direta e métodos de observação indireta e formula hipóteses explicativas do comportamento-problema. Já a segunda parte em que é considerada a possibilidade de apresentação de uma condição programada, a fim de *testar* as variáveis de controle, se aproxima

do que é definido como análise funcional, pois é uma condição de manipulação ambiental para testagem e verificação de funções (Britto et al., 2020).

Desse modo, a utilização do método de análise funcional junto a FAP mostra-se não só como possível, mas como recomendável, tendo em vista que os métodos de avaliação mais valorizados na Análise do Comportamento – métodos de observação direta e métodos de testes de variáveis de controle – estarão contemplados. Contudo, é primordial atentar-se às adequações necessárias, como por exemplo: as topografias de respostas, os repertórios selecionados, as formas de evocação e o tipo de reforçamento utilizados, as condições propostas, as variáveis manipuladas, entre outros. Isto visa evitar transposições literais dos procedimentos e condições, e não fazer isso é desconsiderar as especificidades inerentes aos comportamentos-alvo, os contextos e as populações pesquisadas (Beavers et al., 2013; Kohlenberg & Tsai, 1991).

Considerando que a análise funcional pode ser usada para qualquer comportamento-alvo e qualquer público, desde que sejam feitas as devidas adequações, uma possibilidade de utilização da análise funcional incorporada à FAP poderia ser a definição dos comportamentos-alvo com base nos repertórios considerados relevantes pela FAP, bem como a operacionalização desses comportamentos com ferramentas como FIAT.

A análise funcional permitiria que o contexto tanto de observação direta quanto de manipulação fossem a “presença do terapeuta”. Isto porque ao fazer a definição com comportamentos-alvo a partir da FAP, os comportamentos que seriam alvo de avaliação e intervenção ocorreriam na relação terapêutica, ou seja, na interação com o terapeuta.

Deste modo, é possível utilizar a FAP para definir e operacionalizar os comportamentos a serem testados e utilizar a análise funcional para construir as condições que serão manipuladas para verificar as variáveis de controle. Nesse cenário, as condições poderiam ser definidas a

partir da relação terapêutica, avaliando como mudanças específicas no comportamento do terapeuta afetam a frequência do comportamento-alvo do cliente.

#### *Problema de pesquisa e objetivos do presente estudo*

No presente trabalho será empregado o método de pesquisa sujeito único, no qual o mesmo participante é submetido a diversas condições experimentais, pois permite a comparação do sujeito com ele mesmo, sendo ainda respeitadas as diferenças de história de contexto dos participantes. Para isso, serão coletadas medidas do mesmo sujeito sucessivas vezes, permitindo verificar se o resultado é produzido pela manipulação de variáveis.

O objetivo principal do presente estudo foi identificar o controle exercido pelos eventos do estresse minoritário que antecederam e consequenciaram as respostas de estresse em homens negros homossexuais. Para essa finalidade foi empregado o Processo de Avaliação Análise Funcional: avaliação funcional indireta, observação direta e análise funcional experimental com duas condições principais, *atenção* e *demandas*, sendo que a condição de demandas foi subdividida em outras duas subcondições. Os procedimentos foram controlados pelo delineamento experimental de múltiplas condições.

Um segundo objetivo foi intervir nos comportamentos identificados com o uso da Psicoterapia Analítico Funcional. Os procedimentos do programa de intervenção foram controlados pelo delineamento de reversão do tipo ABA.

## *Método*

### *Participantes*

A pesquisa contou com dois participantes, os quais foram nomeados de P1 e P2: P1, 21 anos, homem cisgênero, homossexual, preto, magro, relacionamento estável, cursando graduação de jornalismo e fazia estágio de comunicação em uma empresa. P2, 27 anos, homem, homossexual, pardo, gordo, solteiro, ensino superior incompleto em ciências sociais, ficou dez anos na graduação, não a concluiu e trabalhava como secretário em um sindicato. Ambos os participantes residiam em uma cidade no interior do Estado de Minas Gerais.

P1, filho mais novo, morava com os pais em uma cidade do estado de Minas Gerais. Vivia uma relação não-monogâmica com companheiro pardo, 2 anos. Se descreveu como *“uma pessoa fechada e introvertida”*. De família de classe média, estudou em escolas elitizadas, nos contextos escolares era uma das poucas pessoas negras. Relatou que durante a adolescência estava focado em estudar, passar no vestibular e ser um bom aluno. Aos 16 anos falou para os pais sobre sua sexualidade, relatou que os pais não deram suporte emocional. Nesse período, não compartilhava as dificuldades com amigos. Na escola, seu desempenho foi prejudicado.

Quanto às amizades, durante a adolescência teve um amigo gay, o qual era ridicularizado na escola. Era o único gay negro em seu grupo de amigos, estando sempre *“rodeado por pessoas brancas”*. Relatou que *“recorri ao lugar de ser bom aluno como mecanismo de defesa”*, *“Ninguém me queria, mas pelo menos eu era muito inteligente, muito culto. Era uma forma de me sentir melhor já que eu não era bonito ou atraente”*. O participante relatou sentir que precisava *compensar*, o fato de ser negro e homossexual. Destacou ainda que esse sentimento se intensificava por ser uma das poucas pessoas negras nos espaços que frequentava e sentia a necessidade de *“atingir esse lugar de excelência”* e que esse sentimento permanecia no contexto da universidade. Afirmou priorizar o trabalho e questões acadêmicas em detrimento de relações afetivas. Pessoas próximas comentaram sobre ele parecer



inacessível. Vivenciou situações de assédio, xingamentos racistas e homofóbicos, por desconhecidos, em espaços públicos. Afirmou ainda que isso já aconteceu várias vezes, desde homens passando dentro de carros e o xingando, a outros o encarando e assediando sexualmente.

Como queixas<sup>5</sup> P1 apresentava: (1) necessidade de criar ferramentas para lidar com seu relacionamento; (2) dificuldade para estabelecer relações de intimidade, sendo considerado por pessoas próximas como frio e distante; (3) dificuldade de fazer novas amizades e sentir-se conectado nas amizades que já tem; (4) ansiedade e medo ao sair de casa e interagir com pessoas; (5) sentimento de solidão.

P2 era o filho mais velho, morava sozinho e tinha dois cachorros. Sua casa ficava no mesmo bairro em que morava sua mãe e avó materna. Não havia contato com a família extensa paterna. Sempre morou perto da avó materna e da família extensa. Quando era criança, sua família, nuclear e extensa materna, tinha poucos recursos financeiros e precisava ajudar a cuidar dos irmãos e dos primos. Na adolescência, começou a trabalhar e não tinha muitos amigos da mesma idade. Cresceu em um lar evangélico, participou da igreja desde criança, chegando a ser líder de jovens na igreja. Afirmou que a família sempre foi “progressista” e sempre o aceitou quanto a sexualidade. Doze anos atrás, distanciou-se da igreja e assumiu a sexualidade.

Mãe e avó possuíam histórico de depressão, P2 morou com a mãe por muitos anos por medo dela cometer suicídio. Cuidou das crises levando-a para cuidados em instituições, afirmou que precisava interferir na vida dela e que era uma relação de dependência. Ocupava um papel de mediador dos conflitos. Ajudou a mãe a cuidar dos comércios que ela tentou abrir. Aos 16 anos teve seu primeiro emprego de carteira assinada. Começou a morar sozinho, após o irmão e sua avó mudarem para uma casa próxima a casa de sua mãe e ainda quando estava na graduação, o pai faleceu de câncer.

---

<sup>5</sup> As queixas, de ambos os participantes, foram descritas utilizando termos ou expressões descritas pelos mesmos.

P2 descreveu suas relações afetivo-sexuais e afirmou que durante a adolescência, não teve relacionamentos afetivos e na vida adulta quando ocorriam relações eram principalmente sexuais. Namorou poucas vezes. Afirmou que isso ocorre porque *“a sociedade é gordofóbica, especialmente entre homens gays”*. Nas palavras de P2, *“ou é sexo, ou não existe”*. Quanto aos encontros sexuais, relatou que *“a maioria das pessoas, eu transo e não sei nem o primeiro nome. Sexo eu arrumo, não tão fácil, mas eu arrumo”*. Durante o período de pandemia, iniciou um relacionamento, no qual moraram juntos durante três meses, e se separaram. Considerou que foi um relacionamento *“tóxico”*, *“Ele falava ‘eu não tenho problema com seu corpo’ e eu fui me entregando, fazia tudo que ele queria”*. P2 também relatou episódios de piadas e comentários gordofóbicos em seu trabalho, sendo necessária a mediação de seu superior imediato para tratar do assunto com os colegas de trabalho.

Como queixas<sup>6</sup>, P2 apresentava: (1) impacto da obesidade nas relações: ser rejeitado nas relações amorosas; piadas e comentários gordofóbicos; sentimentos de insegurança e ansiedade nessas relações; (2) crises de ansiedade nas quais comia muito ou tinha sentimentos intensos; (3) não ter controle dos próprios pensamentos; (4) sentir tudo muito intensamente.

#### *Ambiente e Materiais*

Em decorrência das medidas de segurança em função da pandemia da COVID-19, e a fim de garantir a segurança do pesquisador e dos participantes, as sessões de coleta de dados foram realizadas por meio da plataforma virtual Microsoft Teams. Também foram usados computador, tablet, aparelho de celular, folha de registro, folhas de papel A4 e caneta. É importante apontar que no decorrer do período de realização das sessões de coleta de dados houve a flexibilização de algumas das medidas de segurança relacionadas a COVID-19,

---

<sup>6</sup> As queixas, de ambos os participantes, foram descritas utilizando termos ou expressões descritas por eles.

entretanto optou-se por manter as sessões no formato virtual, pois a alteração do formato de coleta – de virtual para presencial – poderia configurar uma nova variável de análise.

Para levantamento dos dados comportamentais foi utilizada a Entrevista de Avaliação Funcional de O'Neill et al (1997) traduzida e adaptada por Oliveira e Britto (2011), o sistema *Functional Idiographic Assessment Template* – FIAT (Callaghan, 2006) e o questionário FIAT (FIAT-Q) (Callaghan, 2006). Também foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### *Procedimento*

A seleção dos participantes deu-se pelo critério de conveniência, mantendo-se os limites éticos do Código de Ética do Psicólogo. Os critérios de inclusão foram: (a) ter mais de 18 anos; (b) identificar-se como homem; (c) ser preto ou pardo; (d) identificar-se como homossexual. Os critérios de exclusão foram: (a) não ser negro; (b) não assinar o TCLEA.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, número CAAE 47073621.7.0000.0037. Após aprovação, os participantes foram selecionados e assinaram o TCLE, documento que assegurava o anonimato do participante, solicitava permissão para a divulgação dos resultados do estudo em periódicos e/ou eventos científicos, bem como enfatizava a importância das sessões serem registradas em vídeo, etc. A seguir, as etapas da pesquisa.

#### *I - Avaliação funcional indireta*

A Entrevista de Avaliação Funcional foi realizada com os participantes e teve como foco a) levantar aspectos de suas histórias de vida e origens de seus problemas; b) identificação de demandas; c) especificação de comportamentos-problema; d) identificação de antecedentes e consequentes; e) identificação de contextos com maior e com menor probabilidade de ocorrência dos comportamentos-alvo, dentre outros.

O Questionário FIAT (FIAT-Q), versão de aplicação respondida pelo participante, serviu para identificar falas do participante sobre si mesmo. O FIAT-Q era composto por afirmativas em que o participante deveria avaliar o quanto cada uma das afirmações se aplicava a si mesmo. Para cada alternativa o participante poderia responder: discordo fortemente, moderadamente, levemente ou concordo fortemente, moderadamente, levemente. As possibilidades de resposta correspondem a um número em uma escala de 1 a 6.

## *II – Avaliação funcional por observação direta*

Nesta fase foram registrados os comportamentos dos participantes em diferentes momentos *on-line*, na presença do pesquisador, por meio da plataforma virtual. Foram consideradas as observações realizadas durante a interação entre o pesquisador e o participante, utilizando os dados para definir os CRBs de cada participante, ou seja, os comportamentos que apresentavam similaridade funcional com as queixas apresentadas por eles.

## *III - Análise Funcional (experimental)*

O emprego da análise funcional (experimental) teve como objetivo investigar empiricamente as influências dos eventos antecedentes e consequentes dos quais os comportamentos-problema apresentados pelos participantes eram função. As condições manipuladas foram identificadas com base nas duas avaliações funcionais anteriores, quais sejam, avaliação indireta e direta.

Durante as avaliações, observou-se um ambiente onde era comum a escassez de relações de intimidade<sup>7</sup> e validação, em ambos os casos, o que possivelmente aumentava a efetividade da atenção social (OM) e a probabilidade de buscar relações sociais em que esses elementos estivessem presentes, como forma de reforçamento positivo, sendo manipulado na condição de *atenção*. Para a condição de *demand*, foi identificado histórico de eventos e situações de discriminação e violências em função da cor de sua pele, da orientação sexual, expressão da

---

<sup>7</sup> Aqui a intimidade está sendo compreendida conforme foi descrita na página 22 deste trabalho.

masculinidade e tipo físico. Esse histórico parecia ter levado ao desenvolvimento de repertórios que impediam o engajamento em outros comportamentos que possivelmente sanariam as dificuldades interpessoais e emocionais, sendo mantidos por reforçamento negativo.

Foram programadas três condições-teste, conforme Iwata et al. (1982/1994)<sup>8</sup>: duas condições de *demanda* e uma de *atenção*. A ordem de aplicação de cada condição foi definida por sorteio, sendo que a mesma ordem foi utilizada para os dois participantes. As variáveis manipuladas e as formas de manipulação nas condições da replicação foram as mesmas da aplicação.

A aplicação e replicação ocorreram em sequência, sendo que a replicação foi realizada na ordem inversa da aplicação. Desse modo, seguiu-se a seguinte ordem: *demanda II, demanda I, atenção, atenção, demanda I, demanda II*. Assim, somado o número de condições na aplicação e na replicação, foram realizadas seis condições.

Para o controle dos procedimentos, as três condições foram alternadas no delineamento de múltiplos elementos. As condições foram aplicadas e replicadas com duração média de cinco minutos, cada. O intervalo entre as sessões foi entre 1 e 3min.

Importante esclarecer que cada condição elaborada foi baseada e aplicada em uma interação social, a variação no intervalo de cada condição. Assim, procurou-se um momento adequado na interação para colocar o participante em cada uma das condições programadas, sem que houvesse um corte brusco na interação corrente.

Antes da aplicação das condições, a plataforma utilizada para a vídeo chamada foi testada, a gravação da chamada foi iniciada e posteriormente o link de acesso para a vídeochamada foi enviado ao participante. Foi utilizado o Plano de Aplicação da Análise

---

<sup>8</sup> O modelo proposto por Iwata et al. (1982/1994) foi utilizado como referência por ainda ser o estudo seminal e norteador das pesquisas em Análise Funcional, servindo como base para a elaboração de diferentes propostas de condições para avaliação. Desse modo, aqui ele não está sendo compreendido como um modelo para pesquisa com comportamentos autolesivos, mas como um modelo de elaboração de condições para avaliar de forma empírica possíveis mantenedores de comportamentos, independente de qual seja o comportamento-alvo.

Funcional impresso (Anexos C e D) com o planejamento da sequência de aplicação e com a forma de colocar cada participante na contingência, a fim de orientar o pesquisador durante o procedimento. A aplicação e replicação das condições, conforme indica a literatura, são descritas como se segue:

- 1- *Condição de atenção: validação.* O pesquisador consequenciava emissão de falas que configuraram de CRB1, como por exemplo no caso de P1, em que um CRB1 era descrever a situação focando na experiência de terceiros, “*É importante eu também entender que esses homens pretos com quem me relacionei também sofrem*”. O pesquisador disponibilizava atenção social ao dizer, “faz sentido você se sentir assim” ou “eu vejo que isso é importante pra você”.
- 2- *Condição de demanda I: experiência afetiva.* O pesquisador solicitou que o participante descrevesse uma experiência afetiva. Em ambos os casos, foi observado que quando era solicitado falar sobre afetos na sessão, comportamentos identificados como CRB1 eram emitidos. Para cada um dos participantes foi realizada uma solicitação que se alinhava às temáticas importantes para aquele participante. Se o participante recusasse a cumprir a tarefa a demanda era retirada, 20seg. e, logo após oferecia a mesma demanda.
- 3- *Condição de demanda II: solicitava-se descrições de suas necessidades.* Do mesmo modo que na condição anterior, foi identificada a emissão de CRB1s quando era demandado que os participantes, tanto P1 quanto P2, expressassem necessidades. O pesquisador solicitou que o participante escolhesse um tema que abordasse o que mais precisava, mais uma vez adequando a topografia a cada participante. Se a tarefa fosse recusada a demanda era retirada, 20seg., e logo após oferecia a mesma demanda.

A ordem de aplicação e replicação das condições estão resumidas na Tabela 1, a seguir.

**Tabela 1.***Condições experimentais controladas pelo delineamento de múltiplos elementos*

Condição	Sessão de Aplicação	Sessão de Replicação	Manipulação
Atenção	3 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup>	Retinha-se a atenção como evento antecedente e oferecia a expressão facial atenta e falas de validação como consequente a CRB1.
Demanda I – Experiência afetiva	2 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	Solicitava-se falar sobre a experiência afetiva, caso ocorresse a emissão de CRB1 a tarefa era suspensa.
Demanda II - Necessidades	1 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	Solicitava-se a descrição de necessidade e, se ocorresse a emissão de CRB1 a tarefa era suspensa.

*IV - Programa de Intervenção.*

Após a aplicação e replicação das condições da análise funcional foi iniciado o Programa de Intervenção. Os procedimentos desta fase foram controlados pelo delineamento de reversão no formato ABA em três fases: Linha de Base 1 (LB-I), Intervenção (INT), e Linha de Base 2 (LB-II).

Para o Programa de Intervenção foram utilizadas as estratégias da Psicoterapia Analítico Funcional (FAP). As definições dos comportamentos-alvo dos participantes, baseadas na avaliação funcional, tinham como foco evocar e consequenciar comportamentos de melhora.

*V – Fases de LB-I e de LB II*

As fases LB-I e LB-2, respectivamente, foram similares. As perguntas do pesquisador focaram na coleta de dados sobre situações externas, não foram programadas evocações, consequenciações sistematizadas; os focos temáticos foram escolhas do participante ou temas de rotina e cotidiano.

*VI – Fase de Intervenção: formulações dos CRBs*

Durante as sessões desta fase, observava-se os comportamentos-problema dos participantes para identificar o contexto em que esses comportamentos ocorriam, e os reforçava diferencialmente, se houvesse melhoras nos relatos durante a sessão. Por exemplo, quando o

participante P1 falava “*Acho que essa questão complica as relações de várias formas*” esse tipo de relato foi classificado como comportamentos clinicamente relevantes - CRB1, em acordo com a formulação de caso. O pesquisador então provocava o participante sobre esse tipo de relato dizendo “*De quais formas?*” ou outras topografias que favorecessem a evocação de um comportamento de melhora. E os relatos como “*Acho que esse tema em si e esse álbum, me fez pensar muito em... algumas solidões que eu sinto*” foi classificado como CRB2.

Quando os relatos dos participantes descreviam a relação funcional de seu próprio comportamento, como por exemplo no caso de P1, “[...] *peessoas que valorizam as coisas que eu valorizo, que dão importância para o que eu acho que também é importante, isso é um fator que me faz ter uma amizade ou me aproximar mais dessas pessoas*” foi classificado como CRB3. O pesquisador registrava o progresso nos CRB1 dos participantes que eram substituídos por CRB2 e CRB3 ao destacar suas interpretações, sinalizando as relações funcionais observadas durante as sessões de intervenção.

## VII – Análise dos dados

A variável dependente do presente estudo, respostas de estresse, foi operacionalizada como comportamentos clinicamente relevantes, sejam os comportamentos-problema, como os comportamentos de melhora emitidos durante as condições da análise funcional e do programa de intervenção, foram classificados em três categorias.

Desse modo, para as três categorias foram considerados, a) CRB1 é o comportamento-problema que ocorre durante a terapia; b) CRB2s são os comportamentos de melhora; e c) CRB3s consistem em o participante descrever a relação funcional de seu próprio comportamento.

Em relação aos instrumentos, procedeu-se utilizando os dados da observação indireta (entrevista e questionário) como base para identificar os padrões e contextos dos comportamentos-problema. A partir disso, observou-se os comportamentos emitidos em sessão



que poderiam ser similares funcionalmente aos comportamentos-problema fora da sessão. E assim elaborar as condições-teste.

Assim, as diferentes topografias dos CRBs foram observadas e registradas em vídeos e posteriormente transcritas em folhas de registros. Com base na formulação de caso, as topografias foram classificadas indicando o tipo de CRBs. Em seguida, as frequências de cada tipo de CRB foram contabilizadas e organizadas em formato de gráfico.

A classificação e a definição da unidade de análise foram baseadas no Manual para a Escala de Categorização da Psicoterapia Analítica Funcional (FAPRS) (Callaghan & Follete, 2008). Cada unidade de análise ou “turn” corresponde a uma expressão, sentença, parágrafo, ou parágrafos que ocorrem até a mudança do falante para o outro membro da díade participante-pesquisador.

Embora seja provável que cada unidade codificável corresponda a uma unidade de análise ou “turn” onde unidades codificáveis distintas existiram durante a mesma unidade de análise ou “turn”, a unidade de análise foi classificada utilizando-se a decisão por hierarquia.

A hierarquização seguiu a seguinte forma:

- CRB2, CRB3 > CRB1 – Quando o participante iniciou o CRB2 ou CRB3 (ou seja, comportamentos mais eficazes), esses foram classificados com preferência sobre os CRB1s que ocorreram na mesma unidade de análise;
- CRB2 > CRB3 – Quando um CRB2 e um CRB3 ocorreram na mesma unidade de análise, o CRB2 (melhora no contexto da relação terapêutica) foi classificado com prioridade à descrição de variáveis de controle pertinentes.

A avaliação do FIAT-Q foi quantitativa e qualitativa. Para a avaliação quantitativa foi realizado o cálculo dos números correspondentes de cada resposta, a fim de identificar as classes comportamentais que potencialmente seriam alvo da intervenção. As pontuações totais possíveis variam entre as classes: Aserção de necessidades, -63 a +63; Comunicação

Bidirecional, -75 a +75; Conflitos, -69 a +69; Autorrevelação e Intimidade, -72 a +72; Expressão e Experiência Emocional, -72 a +72 (Vartanian, 2017). Quanto maior a pontuação, mais dificuldades o participante apresenta na classe. Já para a avaliação qualitativa foram realizados questionamentos ao participante quanto à sua experiência em responder o questionário, e quais as classes que o participante identificava como relevantes.

O sistema *Functional Idiographic Assessment Template* (FIAT) foi utilizado com o objetivo de orientar a organização dos dados, identificando classes de comportamentos interpessoais importantes nos repertórios dos participantes.

Para a Análise Funcional, a unidade de análise considerada para as frequências de comportamento foi cada oração presente nas falas dos participantes. Para isso, foram identificados os verbos presentes em cada trecho de fala dos participantes nas condições. Assim, foi possível identificar as orações presentes e quais correspondiam a um CRB1. As locuções verbais foram contabilizadas como uma oração<sup>9</sup>.

### VIII – Cálculo do índice de concordância

Para o cálculo de índice de concordância, contou-se com a ajuda de um psicólogo com experiência clínica em análise do comportamento e FAP. Para o cálculo do índice foi utilizada a fórmula:  $[\text{concordância} / (\text{concordância} + \text{discordância})] \times 100$ . O percentual de fidedignidade alcançado foi de 82,5%.

---

<sup>9</sup> As locuções verbais são uma sequência de dois ou mais verbos, os quais, juntos, exercem a função morfológica de um verbo. As locuções verbais são uma sequência de dois ou mais verbos que, juntos, exercem a função morfológica de um só verbo. Elas são formadas por um ou mais verbos auxiliares e um verbo principal. Araújo, Luciana Kuchenbecker. "Locução verbal"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/locucao-verbal.htm>. Acesso em 21 de fevereiro de 2023.

## Resultados

Os resultados do presente estudo são apresentados no formato de tabelas e figuras. Em cada uma das fases de avaliação e intervenção, os resultados dos dados obtidos com os participantes são apresentados separadamente. Os padrões comportamentais identificados foram sintetizados e organizados, considerando a tríplice contingência. Os padrões comportamentais de P1 são apresentados nas Tabelas 2 e 3, seguidos pelas Tabelas 4 e 5, em que são apresentados os de P2.

As pontuações de cada participante no FIAT-Q são apresentadas nas Tabelas 6 e 7, indicando o escore para cada uma das cinco classes de comportamentos relacionadas a relacionamentos interpessoais: a) Asserção de necessidades; b) Comunicação Bidirecional; c) Conflitos; d) Autorrevelação e Intimidade; e) Experiência e Expressão Emocional.

As Tabelas 8 e 9 apresentam os dados registrados durante a observação direta. São apresentados trechos das sessões com amostras dos comportamentos dos participantes na presença do pesquisador. O critério para definir a relevância do comportamento descrito foi a similaridade funcional com base nos comportamentos-problema apresentados, quais sejam, aqueles que seriam alvo para o programa de intervenção.

Os dados da avaliação funcional foram operacionalizados e organizados em: CRB1, CRB2 e CRB3, Tabelas 10 e 11. Em seguida, são apresentados os resultados da Análise Funcional por meio das Figuras 1 e 2 Os resultados das intervenções são apresentados nas Figuras 3 e 4.

As Tabelas 2 e 3 apresentam os padrões comportamentais de P1.

### Tabela 2.

#### *P1 – Padrão A – Compensação e Impessoalidade*

Antecedentes			Respostas	Consequências
OM	de	relações	Estudar, fazer pesquisa sobre temáticas de MSG, racismo e interseccionalidade	Reconhecimento e valor social. As pessoas o percebem como alguém ocupado com coisas importantes

História de aquisição Valorização, nos contextos sociais, do seu desempenho escolar e acadêmico durante a infância e adolescência	Demonstrar inteligência, ao abordar sobre temas acadêmicos e políticos; falar utilizando termos técnicos ou fazendo referência à academia.	Tem menos tempo para interagir com os outros, auxiliando no sentimento de solidão. As pessoas o procuram para conversar sobre os temas que estuda
Relações sociais	Manter diferentes atividades acadêmicas e de trabalho simultaneamente	Encontrar descrições teóricas que validam sua experiência enquanto minoria racial
Contextos Relações com colegas e professores na universidade; Relações de amizade; Relações familiares.	Regras “Ninguém me queria, mas pelo menos eu era muito inteligente, muito culto”  “Preciso compensar, não só a sexualidade, mas também o racismo”	Encontrar descrições que validam e naturalizam sua experiência enquanto MSG  Encontrar descrições que validam, naturalizam e integram sua experiência enquanto homem negro gay

Durante a infância e a adolescência, os comportamentos relacionados ao bom desempenho escolar foram conseqüenciados com reconhecimento e atenção, seja nas relações com seus colegas na escola quanto com seus professores. Esse reconhecimento se estendia às relações com os familiares e amigos. Desempenho acadêmico e profissional são reforçados nas relações sociais. Ao estudar os temas de racismo e sexualidade, P1 encontra descrições teóricas que validam, descrevem, naturalizam e integram sua experiência enquanto minoria racial e MSG. Tal naturalização, validação e integração não é descrita em seus contextos sociais quando criança e adolescente. Inicialmente, sua identidade enquanto minoria não foi validada em seu contexto familiar. Teve apoio dos amigos quanto à orientação sexual, mas seus amigos próximos durante a adolescência eram um grupo de pessoas brancas, e P1 não sentia validação quanto à sua identidade racial.

**Tabela 3.**

*P1 – Padrão B – Indisponibilidade Afetiva*

Antecedentes	Respostas	Conseqüências
OM Escassez de Relações de Intimidade; Supressão condicionada	Expectativa de Rejeição Observar e analisar o comportamento das pessoas antes de se aproximar	Evita críticas Evita desvalorização
História de Aquisição Sucessivas situações de homofobia, racismo e	Controlar respostas públicas quando sente afetos desagradáveis	Evita invalidação Evita conflitos

invalidação nas relações interpessoais	Se permitir ter contato com experiências privadas dolorosas apenas quando está sozinho	Evita ser percebido como frágil ou vulnerável
Contextos mais prováveis Amizades em geral; relações familiares; relações amorosas	Esquiva Experiencial Controlar respostas emocionais quando está perto de outra pessoa	Se sente distante das pessoas mesmo nas relações próximas Sentimento de solidão
Contextos menos prováveis Uma amiga (mulher cis, branca, lésbica); Amigos LGBTs negros	Fuga-esquiva de contato com experiências privadas desagradáveis Descrever de forma breve ou vaga experiências privadas Descrever de forma vaga de suas necessidades	Sentimento de desconexão Consequências de Longo Prazo Relacionamentos Voláteis ou “distantes afetivamente”

P1 apresenta respostas de fuga-esquiva de situações em que haja exposição de experiências privadas, ou que o coloque em “*um lugar de fragilidade e vulnerabilidade*” (sic). Esse padrão é nomeado pelo participante como “Autonomia Emocional” (sic). Tais respostas são reforçadas ao promoverem a evitação com consequências interpessoais, como desvalorização, invalidação, críticas e conflitos. Apesar de ser um padrão bastante generalizado, são descritas relações com menor probabilidade de ocorrência. Nessas descrições há um destaque para elementos identitários das pessoas com as quais se relaciona. Descreve uma maior probabilidade de comportamentos vulneráveis com pessoas que também são minorias raciais e MSG simultaneamente, destacando o valor de aspectos interseccionais observados.

As Tabelas 4 e 5 apresentam os padrões identificados de P2.

**Tabela 4.**

*P2 – Padrão A – Atender aos outros*

Antecedentes	Respostas	Consequências
OM	Atender as necessidades e demandas dos outros	Recebe atenção
Privação de afeto, conexão social, validação	Resolver os problemas de sua mãe e familiares	As relações se mantêm
História de Aquisição Desde criança precisava ajudar a cuidar de pessoas de sua família e mediava conflitos	Cuidar das pessoas (família, amigos, namorado) Atender aos pedidos que são feitos nas relações interpessoais	Receber agradecimentos
Sucessivas situações de gordofobia e homofobia nas relações interpessoais	Regras “Como não tem afeto em outras relações, eu direciono para as amizades”	

Experiências de rejeição nas relações amorosas e sexuais;	“Olha como é você, como é seu corpo. Você não pode exigir escolher um que te agrade mais, qualquer um tem que te servir.”*
Contextos	
Relações familiares	“Você é gordo, você é feio, não serve pra nada”*
Relações de amizade	
Relações afetivo-sexuais	

\*Regra que se repete em ambos os padrões identificados.

P2 apresenta regras e autorregras construídas em sua história de interação. Essas regras referem-se tanto ao contexto quanto a elementos de sua identidade. Na Tabela 4, é possível observar a manutenção de respostas de cuidado e atenção às necessidades e demandas de terceiros, em diferentes contextos. As consequências estão no campo das relações interpessoais, desde consequências mais pontuais, como receber atenção, a consequências a longo prazo, como a manutenção das relações. Há na história de vida relatada contextos que favoreceram repertórios de “cuidar de outros” como o contexto familiar, que demandou de P2 cuidados com a mãe, a avó e os irmãos. Uma OE, privação de contatos sociais com atenção e validação aumentam o valor reforçador das consequências sociais.

O segundo padrão identificado refere-se a comportamentos mantidos por reforçamento negativo.

**Tabela 5.**

*P2 – Padrão B – Evitação*

Antecedentes	Respostas	Consequências
OM	Evitação experiencial	Evita contato com sentimentos desconfortáveis
Privação de afeto, conexão social, validação;	Amenizar a descrição do que sente	
Supressão condicionada	Fazer piada sobre situações de sofrimento pessoal;	Sensação de alívio
História de Aquisição		
Sucessivas situações de gordofobia e homofobia nas relações interpessoais	Comer sem estar com fome	Evita discutir a relação
	Relacionamentos Voláteis	Evita desagradar
Experiências de rejeição nas relações amorosas e sexuais	Mencionar situação que o magoou e negar que há um problema;	Evita conflitos e o término da relação
	Não falar sobre o que sente na relação	
Contexto		As pessoas se desculparam
Relações familiares	Falar ou demandar de maneira imprecisa ou indireta as suas necessidades	Consequência de Longo Prazo
Relações de amizade		
Relações afetivo-sexuais	Sair com parceiros sexuais sem conhecê-los ou saber o nome deles	Relacionamentos Voláteis

---

Regras	Vulnerabilidade para relacionamentos abusivos
“Olha como é você, como é seu corpo. Você não pode exigir escolher um que te agrade mais, qualquer um tem que te servir.”*	
“Ou é só sexo, ou não existe”	
“Você serve pra dormir, transar e ser um depósito de porra. Mas nunca vai servir pra ser um companheiro.”	
“Você é gordo, você é feio, não serve pra nada”*	

---

\*Regra que se repete em ambos os padrões identificados.

Algumas respostas estão presentes nas Tabelas 4 e 5. Isso porque elas apresentam relação com mais de um tipo de consequência. Na história de vida de P2, as respostas de comunicar sentimentos e necessidades não foram reforçadas positivamente, especialmente nas relações afetivo-sexuais. Esse tipo de relação apresentou-se como algo limitado a relações sexuais.. Na história de vida do participante, são descritas sucessivas situações de gordofobia, homofobia e rejeição nas relações interpessoais.

As pontuações em cada uma das classes e as pontuações do FIAT-Q, são apresentadas nas Tabelas 6 e 7. Na análise, a maior pontuação foi considerada como indicativo de dificuldade do participante na classe em questão.

**Tabela 6.**

<i>Pontuação bruta de P1 na aplicação de FIAT-Q</i>	
Classe	Pontuação
A – Asserção de necessidades	33
B – Comunicação Bidirecional	-5
C – Conflitos	30
D – Autorrevelação e Intimidade	36
E – Experiência e Expressão Emocional	0

P1 apresentou dificuldades em três classes: D, Autorrevelação e Intimidade (36 pontos); A, Asserção de necessidades (33 pontos); e C, Conflitos (30 pontos). A classe de Comunicação Bidirecional apresentou o melhor repertório (-5 pontos). As duas classes com maiores pontuações corroboram a análise realizada com base na entrevista. Isso porque a classe D,

Autorrevelação e Intimidade, com maior pontuação, trata de repertórios que evitam a criação ou manutenção de relações interpessoais próximas através de evitação de comunicar experiências privadas, necessidades ou problemas na relação.

A classe A envolve repertórios comportamentais que inibem a criação ou manutenção de relações interpessoais próximas, em função da forma como o indivíduo expressa o que quer, o que precisa e o que valoriza em suas relações, o que também inclui demandar por suporte social. A classe C está relacionada à inabilidade do cliente para responder de maneira eficaz aos conflitos em suas relações.

Ao ser questionado sobre as classes que teve maior ou menor dificuldade para responder, P1 identifica as classes de Asserção de Necessidades, Autorrevelação, e Intimidade e Experiência e Expressão Emocional como fáceis de serem respondidas, e justifica a facilidade por ser capaz de identificar e descrever suas dificuldades nessas áreas. Já as classes de Comunicação Bidirecional e Conflitos são descritas pelo participante como difíceis por serem áreas sensíveis.

P1 destacou ainda, quanto à classe B, que evita saber do seu impacto nas pessoas, com exceção das relações em contexto de trabalho, o que pode auxiliar a compreender porque essa é a classe que apresenta o melhor desenvolvimento de habilidades interpessoais, alinhando-se com o repertório identificado na Tabela 2, Padrão de Compensação e Impessoalidade. Como classes mais significativas, P1 destaca as classes de Autorrevelação e Intimidade e Experiência e Expressão Emocional.

Na Tabela 7 são apresentadas as pontuações de P2.

**Tabela 7.**

<i>Pontuação bruta de P2 na aplicação de FIAT-Q</i>	
Classe	Pontuação
A – Asserção de necessidades	-13
B – Comunicação Bidirecional	-10
C – Conflitos	25
D – Autorrevelação e Intimidade	-8
E – Experiência e Expressão Emocional	1



P2, conforme as pontuações, apresentou dificuldade expressiva apenas na classe C, classe de Conflitos (25 pontos). E repertórios desenvolvidos, segundo as respostas do cliente, nas classes de Asserção de Necessidades (-13 pontos); na classe de Comunicação Bidirecional (-10 pontos), e Autorrevelação e Intimidade (-8 pontos).

Quando questionado a respeito de sua percepção sobre as suas dificuldades em cada classe, P2 afirma facilidade em responder todas, mas identifica como classe significativa a classe de Conflitos, corroborando as pontuações. A classe de Asserção de Necessidades também é destacada por P2, pois sente que não tem suas necessidades atendidas nas relações.

Evitar emitir pedidos e solicitações parece estar relacionado a não ter conflitos, pois caso receba uma negativa ao pedido, algo que as regras e a história de vida indicam a probabilidade de ocorrer, pode gerar conflito e rompimento nas relações. Logo, emitir pedidos e expressar necessidades é algo que está diretamente relacionado à classe A, mas nesse caso parece estar também relacionado à classe C. Além disso, se esquivar das experiências privadas aversivas pode ser uma forma de conseguir tolerar as situações aversivas e seus efeitos, e assim manter as relações.

Vale destacar que as pontuações de P2, com exceção da classe C, foram baixas, sendo que 3 delas (A, B e D) tiveram pontuações negativas, o que indicaria um bom repertório pró-social nessas classes comportamentais. Cabe ainda ressaltar que o FIAT-Q é um questionário de autorrelato, ou seja, as respostas do participante ao questionário dependem, dentre outras variáveis, do repertório de auto-observação e autodescrição do próprio participante.

A Tabela 8, apresenta dados da observação direta de P1. São apresentados trechos das sessões iniciais realizadas com o participante.

**Tabela 8.**

*Dados de Observação Direta de P1*

Momentos Observados	Descrição das Topografias dos Comportamentos
---------------------	--

Presença do pesquisador

Então... o meu companheiro é um outro homem preto, mas ele é um homem preto de pele clara e ao longo do nosso relacionamento... Acho que eu diria mais para o início, hoje nem tanto. Mas essas questões de identidade racial e de... e de processos do racismo assim, apareceram muito no nosso relacionamento por essa nossa diferença de... de identidades raciais. Eu como um homem preto mais escuro, mais retinto, pra mim esse processo de identidade e de consciência racial, ele veio muito cedo na minha vida. Ele veio de formas muito óbvias também porque... eu acho que é importante mencionar isso, eu sou de um contexto assim de uma família de classe média, sempre estudei em escolas elitizadas daqui da cidade, enfim. Tive uma boa escolarização nesse sentido e eu sempre... é fui uma das poucas crianças pretas em muitos desses espaços. Isso também formou a minha identidade racial a partir desse lugar, enfim, dessas minhas vivências. E aí o meu companheiro, sendo uma pessoa preta de pele clara, como muitas pessoas no Brasil, tem essa dificuldade de se entender e se enxergar em um lugar racial específico assim. Então tem muito essa narrativa do “Eu não sou exatamente branco, mas eu também não sou preto. O que que eu sou?”. E essa confusão apareceu... muito assim na nossa, na nossa relação. Apareceu muito pra ele. E já tiveram vários momentos assim... bem... incisivos nos quais a gente fez esses, esses debates raciais e eu... coloquei assim a minha perspectiva pra ele. Não como uma perspectiva única ou como uma perspectiva definitiva do tipo assim “eu acho que você é isso, então você tem que ser isso”. Mas a minha interpretação, é de identidade racial no Brasil né. Aí, enfim, tem todas essas questões do... do... colorismo que são essas, essa vivência do racismo que é mais ou menos amenizada de acordo com o tom da sua pele. E... e eu acho que isso atravessa muito o nosso relacionamento. Principalmente pensando que nós dois não somos... monogâmicos. E eu acho que isso também afeta a forma como a gente se relaciona com pessoas de fora do nosso relacionamento, assim. Porque eu acho que algumas expectativas e algumas ideias que as pessoas têm sobre ele são diferentes das expectativas e das ideias que as pessoas têm sobre mim. E eu acho que muito disso é influenciado por... pelas nossas identidades raciais, pelas nossas vivências raciais e pelo próprio racismo assim. Então eu acho que essa é uma grande questão assim, talvez umas das questões, talvez, mais centrais para o nosso relacionamento atualmente 7min.

Presença do pesquisador

Aí, é... a ansiedade... vem muito de... é, eu acho que ansiedade para mim assim está muito ligada com a palavra julgamento, porque tiveram muitas situações em que eu me senti muito julgado, assim e situações em que eu fui percebido, mas que eu não fui percebido de uma forma tão positiva ou que, que me celebrasse. Então acontece muito às vezes de eu sair, por exemplo... E as pessoas ficarem me encarando, as pessoas ficarem... me olhando, enfim. E muitas vezes a gente sabe assim, quando é um olhar de julgamento, quando é um olhar de preconceito, quando é um olhar de ódio, assim, você percebe querendo ou não. E... E o medo é isso, o medo vem muito ancorado com isso, porque sei lá, é, eu tenho uma coisa de tipo assim, eu não quero, é, parar a minha vida, ou abdicar da minha vida, é, em prol do meu medo, mas, ainda assim, é um medo de ser agredido, um medo de, enfim, de acontecerem coisas comigo enquanto eu estou na rua, enfim, esse medo ainda existe, assim, eu acho que é um medo muito latente, muito presente na vida de muitas pessoas LGBT no Brasil também né, que é um país muito emblemático na sua LGBTfobia. Então, é isso, assim, é, eu coloco o medo, a ansiedade, muito nesses lugares. 3min.

Presença do pesquisador

É... e sinceramente, eu não faço tanta questão não, de... de... querer construir relações assim com pessoas. Igual na minha faculdade. Tinha pessoas de quem eu era relativamente próximo assim antes da pandemia, enfim. Pessoas que eu acho que eu considerava amigas ali naquele contexto, enfim das aulas, enfim, e da faculdade como um todo, só que hoje em dia, é... Eu olho e eu não... não... não, não vejo essas pessoas como minhas amigas. Acho que essas pessoas também não necessariamente me veem como amigas delas, porque não tem assim essa... Aproximação assim. Ah, e uma coisa também que... que... que... é... que me ajuda assim, que... que... que define um pouco as minhas relações é que eu sou uma pessoa muito observadora. Então eu observo muito as pessoas antes de eu me aproximar assim. Então eu vejo muita ali a pessoa, como ela é, como ela trata as outras pessoas, enfim, o que ela faz, o que ela gosta de fazer, etc. Enfim, eu analiso muito antes de... querer me aproximar ou se eu me aproximo, eu me aproximo sempre observando, assim, sempre observando ali a pessoa, tentando catar algumas coisas assim no ar, enfim. Então, é isso, eu diria que assim para resumir, que eu sou uma pessoa muito observadora quando eu quero construir novas relações, e que ao mesmo tempo, no geral, e sendo bem sincero assim, eu não faço tanto a questão de... me aproximar de mais pessoas, porque eu já gosto muito das relações que eu tenho. 4min.

Presença do pesquisador

Mas é isso assim, tipo, a minha relação com o curso, acho que já está bem desgastada por questões do próprio curso, por questões... da minha convivência com, com as pessoas assim é, não que eu tenha exatamente problemas muito graves ou muito profundos com qualquer pessoa do meu curso, mas eu também, tipo eu não fui a pessoa que estabelecia, assim, conexões e laços de amizade muito intensos com ninguém. Então eu meio que me sinto um pouco uma pessoa, assim, um “outsider”, uma pessoa tipo meio que não se encaixa muito ali naquele contexto. E aí... é... é isso assim, mas eu estou aproveitando também é... a graduação é uma experiência muito cansativa, muito desgastante, mas é uma experiência muito boa também, então eu estou também, estou tentando arranjar alguns recursos que, que me permitam aproveitar essa experiência o máximo possível, tanto no jornalismo quanto fora dele. E... e é isso assim. E é uma coisa também, acho que a única experiência assim mais animadora que eu tenho hoje relacionada ao meu curso em si, ao jornalismo em si é o grupo de pesquisa do qual eu faço parte que é de um professor meu, e a gente estuda três eixos que é narrativa, cultura e temporalidade. E aí enfim é, e aí tem essas pessoas que participam do grupo também, não são exatamente é amigos meus muito próximos, mas são pessoas com as quais eu tenho muito carinho assim porque eu convivo essa rotina, essa realidade do grupo de pesquisa. E aí... isso é muito bom também, isso é uma coisa que... que eu acho que me fez despertar um pouco mais de gosto por estudar comunicação e por estudar jornalismo, assim. Porque tem uma questão, e aí também que tem a ver com essa sua pergunta de como é a minha relação com o curso, que muitas pessoas, tipo assim, tem algumas visões e algumas expectativas que são mais predominantes dentro do curso de jornalismo e é especificamente do curso jornalismo da universidade em que estudo, que eu não posso falar da realidade de outros cursos, enfim, de outros contextos. Mas tem muita gente que gosta de jornalismo esportivo, por exemplo. Tem muita gente que quer... que sonha em ir para TV, trabalhar na TV apresentar jornal. Enfim, apresentar programas. Tem gente que quer ir pra rádio. E aí, enfim essa galera meio que se encontra assim e se conversa, e se relaciona entre si. E aí são muitas pessoas do curso assim igual por exemplo na minha sala, eu posso dizer que talvez metade ou até mais da metade da minha sala quer seguir em jornalismo esportivo assim, que eu não tenho o menor interesse. Então acho que isso também colabora um pouco pra forma como as minhas relações se dão, assim dentro do, do curso. Enfim, falei muitas coisas, fui pra muitos lugares, mas é isso. 5min.

A Tabela 9 apresenta os dados da observação direta realizada com P2. Os registros se referem aos comportamentos na presença do pesquisador durante as sessões iniciais.

**Tabela 9.**

*Dados de Observação Direta de P2*

Momento Observado	Descrição das Topografias dos Comportamentos
Presença do Pesquisador	Comendo. Enchendo a cara, descontrolado minha ansiedade, ficando mais gordo ainda e perdendo o juízo [riso]. Não perdendo o juízo em si, acho que eu sou uma pessoa bem ajuizada... é, obviamente que isso me afeta, isso dói muito lá na, profundamente, no meio da alma, assim, mas a forma que eu lido com isso é... descontando na comida, porque aí eu começo a comer sem parar, e sem ter controle, e começa nisso, e a outra forma é aliando mais ainda, fechando mais os meus laços de amizade, não fechando, assim, mas tornando eles mais fortes. É claro que eu tenho, não tenho muitos amigos, mas os que eu tenho são presentes, então eu falo assim, ‘vem aqui pra casa, vamos se encontrar se encontrar sempre’, porque é uma forma de nutrir aquela falta daquele outro tipo de relacionamento. Só que as pessoas também decepcionam a gente né, então assim, eu... eu vou criando laços de relações que depois eu falo assim ‘meu deus, eu não posso chegar a esse ponto, né’. É, acho que a gente pode ser amigo, muito amigo, mas não dá pra você... depositar tanta confiança e... nas pessoas assim. É, dá, mas você vai quebrar a cara um pouco. É tipo um amigo meu, fiz uma amizade agora, tem uns 15 dias, e machucou muito assim. A gente era muito amigo, não saía da minha casa, e aí ele falou assim, “ah, estou passando uma dificuldade, vou tirar um tempo e vou ficar um tempo para mim, então não me chama no WhatsApp, não fala comigo, deixa eu passar minha crise”, e aí eu falei, gente eu vivo crise em cima de crise [risada], de boleto em cima de

	<p>boleto, e eu não falo isso para ninguém assim, sabe. É, por que as pessoas fazem isso? Mas é o tempo delas, obviamente, e eu vivo sempre nesse mundo, a minha cabeça fala o tempo todo e eu tento entender as pessoas demais, a minha empatia eu acho que às vezes passa do limite, e aí isso me machuca, mas eu tento falar assim, gente, cada um merece seu tempo, cada uma merece o seu o seu momento de refletir, de melhorar. Eu só não faria igual. Mas é isso aí, eu vou criando relações com amigos assim. 4min.</p>
Presença do Pesquisador	<p>É horrível, né? Desgastante pra caralho. Muitas vezes eu tive que correr com ela [mãe] pra psiquiatria, muitas vezes tive que correr com ela pro CAPS, muitas vezes eu tive que intervir nas relações pessoais dela. O tanto que ela é doida, que ela saiu do serviço público e foi pro privado, trabalhar num <i>call center</i>, minha mãe não tem juízo, nenhum [risada]. Eu costumo até brincar que eu sou o pai dela, o pai e ela é a filha, porque ela não tem nenhum juízo... e aí isso me desgastou muito, assim, até o início do ano passado foi muito desgastante. E aí teve uma vez que a gente teve uma briga, porque ela achou que eu estava usando muita droga, não sei o quê, aí eu falei, ah, chega. Eu fui morar com a minha irmã, fiquei um mês com a minha irmã. Aí depois eu voltei, depois logo eu já fui casar, e já saí de novo. Mas assim, até o ano passado, esses seis anos depois da morte do meu pai, fui eu tendo que lidar com tudo. 3min.</p>
Presença do Pesquisador	<p>Na hora, sabe, eu sou uma pessoa muito expressiva, eu não sei esperar, ela consegue ver. Eu tenho uma expressão facial muito forte na hora, como em qualquer circunstância, assim, se eu não gostar eu fecho o bico na hora [riso], eu não tenho muito controle não, se alguém faz uma merda, eu viro o olho na hora, assim. Então na hora que ela falou, ela já percebeu, já pediu desculpa lá mesmo, eu ainda estava lá e eu falei ‘não, tá tranquilo’. Aí depois eu levantei e fui embora. 4min.</p>
Presença do Pesquisador	<p>Ah, da minha avó tem um mês já, que me ligou chorando, muito triste e com dor no peito. Aí eu falo, “gente, dor no peito é ansiedade, vai tomar um remédio, vai ouvir, vai ler um livro”. Aí eu tenho que ficar como se eu fosse um terapeuta delas assim, falando “ah, faz isso, faz aquilo”. E eu não sou da área, né. O máximo que eu tenho é experiência das coisas que já aconteceram e de eu ler, assim, tipo, pesquisar tudo mais. [pausa]. Mas é isso, aí ela só me liga, assim, “ah, eu estou um pouco triste, estou muito triste. Minha avó faz isso, né? Já minha mãe liga, eu atendo e ela já fala “vou me matar agora”. [risada]. É sempre assim. 4min.</p>

Com base nos reportórios comportamentais identificados, foram considerados três categorias relevantes de comportamentos: CRB1, CRB2 e CRB3. Todos esses comportamentos ocorrem na interação com o terapeuta. Na Análise Funcional, tendo em vista seu objetivo, foi considerado apenas o CRB1. Na intervenção foram consideradas as três categorias de comportamento.

As formulações clinicamente relevantes de P1 e P2 são apresentadas nas Tabelas 10 e 11.

**Tabela 10.**

<i>Comportamentos Clinicamente Relevantes de P1</i>		
CRB1	CRB2	CRB3
Escolher palavras – desacelerar a fala e utilizar palavras rebuscadas ou expressões acadêmicas;	Falar das situações a partir da própria perspectiva ou falar da experiência pessoal nas situações;	Interpretações ou descrições sobre o próprio comportamento
		Exemplo

Fazer descrições teóricas ou referenciar a academia, “mostrar-se inteligente”;	Descrever necessidades, desejos, afetos e sentimentos;	“E aí o movimento que eu fiz, que é o movimento que eu sempre faço, foi me distanciar um pouco assim. Não me isolar necessariamente, porque continuei conversando com ele, mas conversas mais pontuais no dia a dia. Mas eu isolei os meus problemas.”
Fazer descrições genéricas ou vagas sobre sua experiência pessoal nas situações;	Descrever suas experiências enquanto minoria em primeira pessoa	
Descrever as situações que vivencia focando a descrição em terceiros	Exemplos “Eu também estou muito implicado e muito atravessado por esse objeto que eu estou analisando, então acho que por isso pra mim é que é um processo bastante importante.”	
Exemplos “Tem todas essas questões do... do... colorismo que são essas, essa vivência do racismo que é mais ou menos amenizada de acordo com o tom da sua pele”	“Acho que tristeza, de uma certa forma tristeza [voz embargada]. Acho que raiva também [choro].”	
“Acho que essa questão complica as relações de várias formas”		

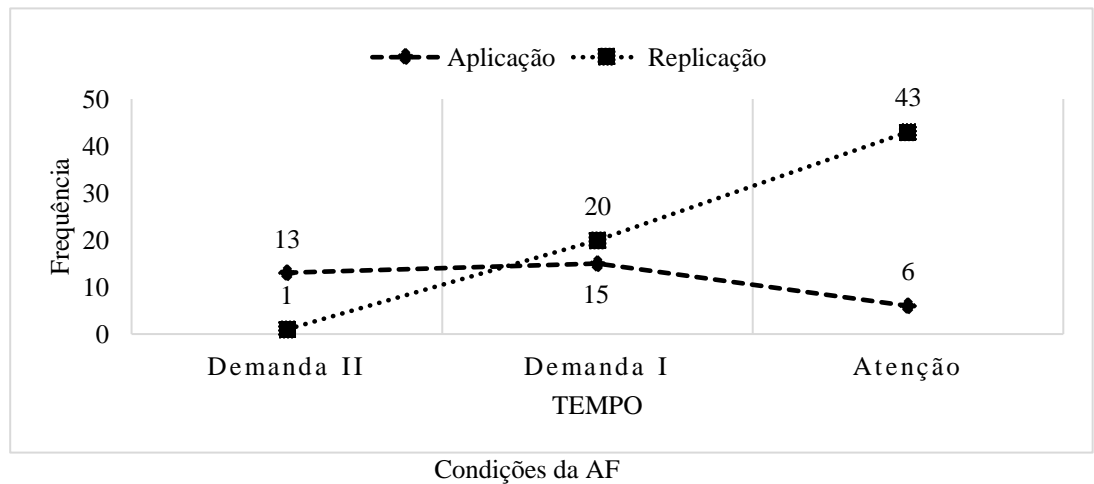
**Tabela 11***Comportamentos Clinicamente Relevantes de Caso P2*

CRB1	CRB2	CRB3
Fazer descrições imprecisas	Falar diretamente sobre a relação terapêutica	Interpretações ou descrições sobre o próprio comportamento
Mandos disfarçados ou pedidos indiretos	Descrever o que sente expressando afeto congruente	<b>Exemplos</b> “O gatilho vai mais pela amizade, as amizades eu escolhi fazer. Justamente porque a família é obrigação e a afetiva-sexual não existe. Então só sobra a amizade.”
Falar das experiências de minoria de forma genérica ou vaga	Pedir diretamente	
Relatar situações sem expressar afeto congruente – rir depois de contar uma experiência triste ou difícil	Falar da experiência e dos sentimentos com intensidade congruente ao evento	
Exemplos “Eu falei, beleza, então a gente terminou, e eu fui pra casa, voltei pra casa da minha mãe, chorei horrores e blá blá blá, fiz meu drama [risada].”	Exemplos “Quando ela está em crise, ela fala de suicídio, fala que vai se matar o tempo todo, e aí me desgasta muito. Ela não se abre para os meus irmãos.”  “Eu acho que às vezes você não me entende, ou às vezes você quer extrair mais”	

No que diz respeito aos dados oriundos da Análise Funcional, esses são apresentados em formato de figuras. Nas figuras são apresentadas condições do delineamento e a frequência do CRB1 dos participantes durante cada uma das condições.

A Figura 1 apresenta as frequências de CRB1 na análise funcional de P1, na aplicação e na replicação.

Figura 1  
*Comparações entre aplicações e replicações da análise funcional de P1*

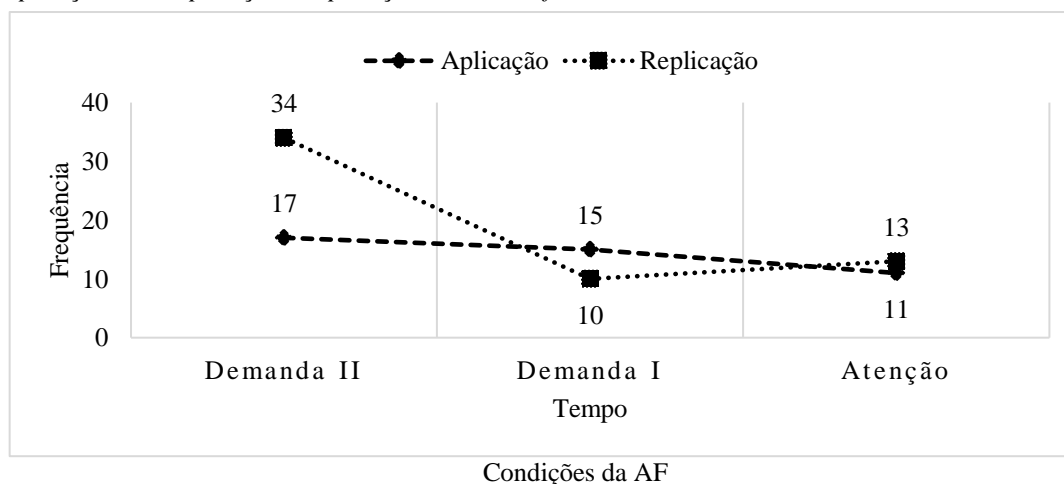


Como pode ser observado na aplicação e na replicação, todas as condições apresentam emissão de CRB1. Durante a aplicação, as condições de Demanda I e Demanda II, apresentaram as maiores frequências, 15 e 13 emissões, respectivamente. Já na replicação, a condição que apresentou maior frequência de CRB1 foi Atenção, com 43 respostas, seguida pela condição de Demanda I, com 20 respostas. A Demanda I foi a condição que apresentou menor variação na frequência de CRB1 quando comparadas à Aplicação (15) e à Replicação (20).

Uma variável que pode ter contribuído para a diferença das frequências entre as condições de Atenção trata-se da ordem de apresentação das condições. Na replicação, a condição de Atenção foi realizada logo após a primeira, pois a replicação seguiu a ordem inversa da aplicação.

A Figura 2 apresentam as frequências de CRB1 na análise funcional, de P2, na aplicação e na replicação.

Figura 2.  
 Comparação entre aplicação e replicação da análise funcional de P2



Na Análise Funcional de P2, todas as condições apresentam emissão de CRB1. As condições de Demanda II e Demanda I, apresentaram respectivamente as maiores frequências na Aplicação, 17 e 15 emissões, respectivamente. Na Replicação, a condição de Demanda II manteve-se com a maior frequência do CRB1, com 34 emissões, seguida pela condição de Atenção, com 13 emissões de respostas.

Manteve-se uma tendência de frequência de CRB1, onde a condição de Demanda II, ou seja, a condição na qual era solicitado do participante a expressão de necessidades, apresenta as maiores frequências do comportamento. As condições Demanda I e Atenção alternam a posição de segunda maior frequência quando comparadas a aplicação e replicação.

Os resultados do delineamento de intervenção são apresentados em formato de figuras. Nas Figuras 3 e 4 as frequências dos comportamentos clinicamente relevantes (CRB1, CRB2 e CRB3) são apresentadas nas Linhas de Base I e II e na intervenção.

As Figuras a seguir, 3 e 4, apresentam os percentuais das frequências dos CRBs em cada uma das sessões da Linha de Base I, Linha de Base II e das sessões de aplicação da FAP. Nas Figuras são indicadas as fases, as sessões e frequência de comportamento que ocorreu.

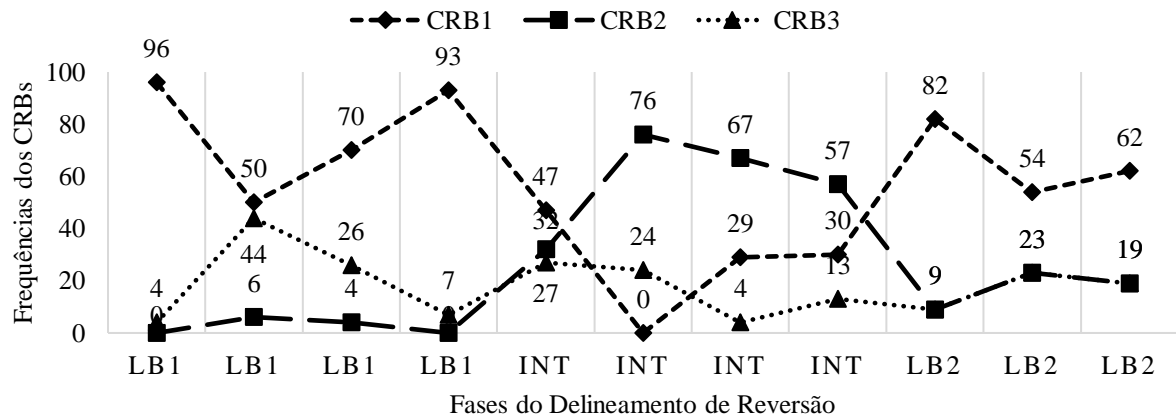
Na LB I foram consideradas as três sessões de iniciais em que foi realizada a entrevista e mais uma sessão com temática livre onde se mantinha a interação a partir de qualquer tema

que o participante trouxesse. Caso o participante não trouxesse nenhum tema de interesse para a sessão, era questionado sobre aspectos da rotina e cotidiano.

A frequência dos CRBs de P1 são apresentados na Figura 3.

Figura 3.

*Frequências dos CRBs de P1 durante o programa de intervenção.*



Verifica-se maiores frequências de CRB1 durante as sessões de Linha de Base I e II, com destaque para a primeira e quarta sessões da LB1 (96% e 93%, respectivamente) e primeira sessão da LB2 (82%). Nas sessões de intervenção há uma queda, iniciando na primeira sessão INT (47%) e mantendo-se abaixo disso durante as demais sessões de intervenção, com destaque para a segunda sessão na qual CRB1 corresponde a 0%. Na terceira e quarta sessão de intervenção a frequência de CRB1 volta a subir (29% e 30%, respectivamente). Na primeira sessão da Linha de Base II há um aumento expressivo (82%), caindo novamente nas sessões seguintes, 54% e 62%, respectivamente.

Nas Linha de Base I há ocorrência de CRB2 na segunda e na terceira sessão, 6% e 4%, respectivamente. Os CRB2 apresentam os maiores percentuais nas sessões de intervenção, com destaque para a segunda sessão, com 76%, mesma sessão em que não há emissão de CRB1, seguida pela terceira e quarta sessão (67% e 57%, respectivamente). Na fase de Linha de Base II, quando comparada com a fase de intervenção, há uma redução na frequência de CRB2.



Contudo, tanto os CRB2 quanto o CRB3 mantêm-se com frequência superior à Linha de Base I.

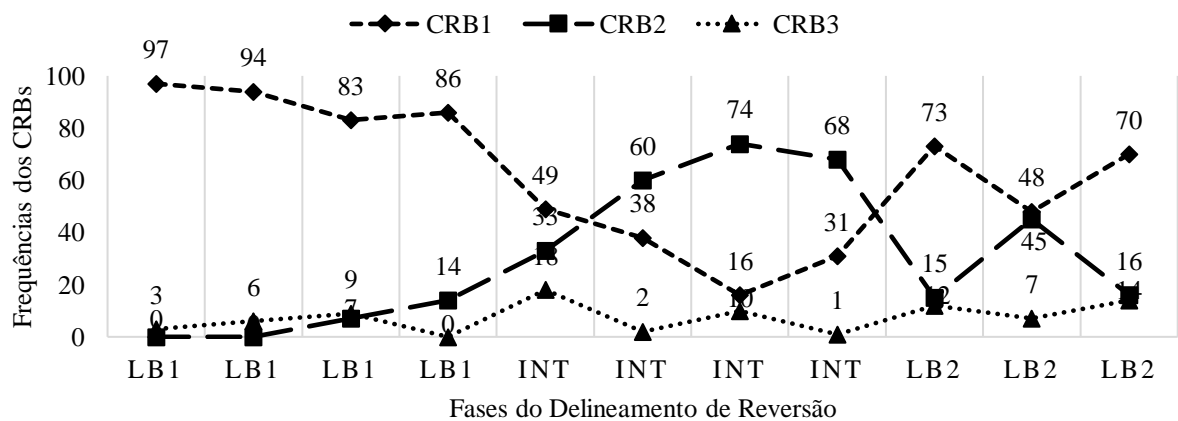
Os CRB3 ocorreram em todas as sessões de P1, com a maior frequência na segunda sessão (44%), seguida pela primeira sessão de intervenção (27%) e terceira sessão de LB1 (26%). Durante toda a Linha de Base I, a frequência de CRB3 manteve-se abaixo da frequência de CRB1 e acima da frequência de CRB2. Já na intervenção, com exceção da segunda sessão de intervenção, em que não houve emissão e CRB1, a frequência de CRB3 foi a menor nas sessões. Na Linha de Base II, CRB2 e CRB3 ficaram com os mesmos percentuais nas sessões, e abaixo da frequência de CRB1.

As sessões de entrevista envolveram perguntar sobre as queixas e demandas do participante, e as respostas do participante envolveram falar sobre como compreende o problema. Isso pode justificar a frequência expressiva de CRB3 nas segunda e terceira sessões da LB1, visto que responder perguntas sobre as queixas pode levar a descrever ou interpretar os comportamentos-problema.

A Figura 4 apresenta os percentuais das frequências dos CRBs de P2.

Figura 4

*Frequências dos CRBs de P2 durante o programa de intervenção.*



Durante a Linha de Base I, a frequência de CRB1 de P2, mantém-se acima de 83% em todas as sessões. Há uma redução acentuada da frequência de CRB1 a partir da primeira sessão

de intervenção, caindo para 49%. A queda se mantém na segunda (38%) e terceira (16%) sessões de INT, sobe para 31% na quarta sessão de INT, e atinge 73% na primeira sessão de Linha de Base II.

Não há ocorrência de CRB2 até a terceira sessão da LB1, na qual CRB2 correspondeu a 7%. Os CRB2 seguem a tendência inversa à frequência de CRB1, excetuando-se a primeira e segunda sessões de LB1, nas sessões em que há queda de CRB1, há o aumento da frequência de CRB2. A frequência de CRB2 aumenta continuamente entre a terceira sessão de LB1 e a terceira de INT. Na quarta sessão de INT a frequência cai, de 74% na terceira sessão de INT, para 68%. Na primeira sessão de INT as linhas de CRB1 e CRB2 se aproximam, 49% e 33%, respectivamente. Já na segunda sessão de INT os CRB2 (60%) têm a maior frequência, seguida por CRB1 (38%). Na Linha de Base II, as linhas de CRB1 e CRB2 mantêm-se com tendência inversa uma à outra, e em todas as sessões dessa fase CRB1 teve o maior percentual de frequência.

Os CRB3 apresentam oscilação ao longo das sessões, apresentando maior frequência na primeira sessão de INT (18%), seguida pela terceira sessão de LB2 (14%). Dentre os CRBs, o CRB3 foi o que apresentou menor frequência, com exceção das três primeiras sessões de LB1 (3%; 6%; e 9%), em que o CRB2 ocorreu em menor frequência.

## *Discussão*

Este estudo teve como objetivo principal identificar o controle exercido pelos eventos do estresse minoritário que antecederam e consequenciaram as respostas de estresse em homens negros homossexuais. Teve como segundo objetivo intervir nesses comportamentos com o uso da FAP. Os resultados apontaram que os objetivos foram atingidos

Optou-se pelo emprego da FAP no processo de avaliação, formulação de caso e definição das respostas que configuraram os comportamentos-alvo. Desse modo, a FAP serviu como base para todo o processo do estudo, desde as proposições iniciais, aos momentos de observação direta, manipulação de variáveis e intervenção. A FAP, enquanto modelo psicoterapêutico, auxiliou a operacionalizar os comportamentos que a literatura indicava, dentro do modelo de EM, e que foram identificados na avaliação funcional indireta e direta, tornando possível intervir a partir da relação terapêutica.

Em relação a essas avaliações para comparação dos dados, verificam-se diferenças importantes no que apontam sobre os repertórios comportamentais dos participantes quando realizada uma comparação entre sujeitos. No caso de P1, os resultados da entrevista e do FIAT-Q corroboram-se, indicando um mesmo tipo de repertórios e pontos de atenção. Entretanto, isso não ocorre no caso de P2. Classes de comportamentos interpessoais que no caso de P2 são indicadas pelo score no FIAT-Q com bom repertório pró-social, A – Asserção de Necessidades e D – Autorrevelação e Intimidade, aparecem como repertórios críticos quando analisados os dados da entrevista, observação direta e da Análise Funcional.

Um elemento que pode auxiliar a compreender essa diferença no caso de P2 é o fato de o FIAT-Q tratar-se de um instrumento de autorrelato, ou seja, o questionário é respondido pelo participante, a partir da percepção que tem de si e do seu repertório comportamental. Desse modo, as respostas ao instrumento dependem de variáveis como o repertório de auto-observação e autodescrição do próprio participante.

P1 apresentou desde o início das sessões um bom repertório de auto-observação e descrição dos próprios comportamentos, como pode ser verificado na Figura 3, analisando a expressiva frequência de CRB3, ou seja, comportamentos de descrição de relações funcionais de seu próprio comportamento, desde a Linha de Base I. Já no caso de P2, os comportamentos do tipo CRB3 não ocorreram de forma tão expressiva ao longo de toda a coleta de dados (ver Figura 4).

Enquanto P1 apresentou frequências de CRB3 que chegaram a 44% ainda na Linha de Base I, a maior porcentagem de CRB3 na Linha de Base I de P2, 9%. A baixa frequência de CRB3 somada à divergência entre os dados da Entrevista e das Observações Diretas quando comparados com as respostas ao FIAT-Q, indicam um baixo repertório de auto-observação e descrição dos próprios comportamentos, o que implicaria, portanto, no grau de correspondência entre as respostas a um instrumento de autorrelato e seu repertório real.

Essa divergência de dados e a interveniência de outras variáveis confirmam a importância de diferentes formas de avaliação do comportamento. Além disso, apontam a necessidade de métodos de avaliação que não dependam dos outros repertórios dos sujeitos. Isso corrobora ainda o que foi apontado por Mussi e Malerbi (2020) quanto à relevância do método de observação direta em pesquisas com MSG, que como verificado pelos referidos autores, apesar de um método importante, ainda não havia sido identificado seu uso com essa população. E aponta ainda a importância de métodos experimentais com manipulação de variáveis como a Análise Funcional.

Importante ressaltar que haviam limites e dificuldades para a aplicação das condições da Análise Funcional. E considerando as condições de aplicação do presente trabalho, o tipo de comportamento avaliado e o formato de sessões *online*, adequação necessária decorrente da pandemia global da COVID-19, optou-se por não realizar a condição sozinho e a controle. Os comportamentos avaliados, quando operacionalizados, consistiram principalmente em

comportamentos interpessoais, e tratando-se de uma condição de aplicação limitada pelo contexto de plataforma virtual.

A escolha das condições para a Análise Funcional e sua definição foi baseada em Iwata et al (1994), mas também foram consideradas as proposições da FAP. Já havia na literatura sobre FAP a indicação da possibilidade de testar os repertórios interpessoais por meio da relação terapêutica (Kohlenberg & Tsai (1991). Desse modo, foi avaliado como esses repertórios apareciam na relação terapêutica e criadas situações que pudessem testar os mantenedores.

Considerando situações que o participante precisava falar diretamente o que queria em suas relações fora da sessão, como indicava a avaliação funcional, o similar funcionalmente em um contexto terapêutico seria, por exemplo, que o participante falasse diretamente o que queria na relação terapêutica. Por isso, uma condição em que ele precisava expressar ou demandar tema sobre o qual queria conversar. Ainda que possa parecer simples, essa situação demanda que o participante indique um assunto, um tema ou algo que na percepção dele é importante e que ele queira conversar quando está acontecendo a situação, e não fora da sessão, sobre a qual ele apenas relataria o comportamento. Em contraponto, uma possibilidade para iniciar a interação em sessão e que seria diferente disso, poderia ser o terapeuta já indicar um tema que teria identificado como importante, como por exemplo falar sobre a família, e o participante apenas concordar e começar a falar sobre o assunto que o terapeuta ou pesquisador sugeriu.

Em outra condição de demanda, os participantes precisam falar sobre ser minoria, adequando o foco à queixa de cada participante. A princípio, considerando o contexto de privação socioafetiva dos participantes, uma condição como essa pode não parecer uma demanda, porém, sendo identificada a emissão dos CRB1 durante a observação direta, essa inicial obviedade não parece coerente.

E aqui há uma questão importante, a temática sobre a qual se fala é diferente do próprio comportamento de falar, isso porque é possível falar de formas diferentes ainda que sobre o

mesmo assunto. O tema é importante, mas apenas falar, sem se preocupar com a forma que se fala não parece ser suficiente. A distinção “Função versus Topografia” pode auxiliar nessa compreensão. Na AC, essa distinção reporta há variedade de formas que comportamentos podem adquirir e ainda assim terem a mesma função no repertório do indivíduo. A FAP, sendo baseada no behaviorismo radical, concorda com essa premissa.

No FIAT, modelo de sistematização de comportamentos que se baseia na FAP, as classes comportamentais descritas não dizem respeito a um tema específico, mas a como as relações e as comunicações ocorrem (Callaghan, 2006; Vartanian, 2017; Ferreira et al. 2021). Sem dúvida, o tema também é evocativo. Falar sobre diferentes assuntos pode evocar diferentes respostas, tanto que nas condições de demanda elaboradas, o tema foi adaptado para cada participante. Ainda assim, a forma como cada tema é abordado também é importante.

P1, por exemplo, falava sobre relacionamentos, sobre ser minoria, sobre racismo e homofobia, tanto em sessão quanto nas suas relações fora da sessão (segundo seu relato), mas o contato afetivo com o que era relatado foi mudando, a externalização de sentimentos foi mudando no decorrer das intervenções. Um relato desconectado de afeto congruente é significativamente diferente de um mesmo relato (em seu aspecto topográfico, ou seja, nas palavras ditas) acompanhado de um afeto congruente à intensidade daquilo que é relatado. A conexão afetiva com a história, com o presente e com o interlocutor.

Nesse sentido, Oshiro et al. (2021) apontam que: “Para além da função, ainda é importante destacar a relevância dos conteúdos discutidos em sessão. Enquanto o processo interpessoal diz respeito ao aspecto funcional da relação, o conteúdo dos relatos, temas e tópicos discutidos por terapeuta e cliente dão contexto para que a modelagem de respostas interpessoais mais efetivas ocorra”. (Oshiro et al., 2021, p.38)

Não parece ser suficiente apenas falar sobre um tema, mas é importante criar espaço para que temas que muitas vezes são dolorosos, possam ser abordados. Nos casos de P1 e P2,

as análises não indicaram um tema como aquilo que afastava ou impedia um relacionamento interpessoal saudável e íntimo, mas a forma como as relações e interações ocorriam. Ambos os participantes tinham como CRB1 comportamentos que envolviam falar sobre si ou sobre temas importantes de forma vaga ou indireta, corroborando essa análise.

Em um processo que se propõe terapêutico, ou seja, um processo que propõe que haja mudança comportamental, é necessário mais do que apenas criar espaço para falar sobre os assuntos que provocam sofrimento. Apenas falar sobre ser minoria, não é suficiente, entretanto criar um espaço que permita que esses temas sejam trazidos, dar espaço para isso e validar essa experiência é essencial.

Durante as intervenções, os temas de EM e das experiências dolorosas vivenciadas pelos participantes não foram deixadas de lado, pelo contrário, essas temáticas em diferentes momentos foram contexto essencial para as intervenções. Foi criado espaço para falar sobre isso. Além do tema, também foi modelado o como falar, o entrar em contato com os afetos evocados, o permanecer em contato e tolerá-los. Falar sobre esses temas nos parece fundamental, mas falar sobre isso sem objetivo não parece ser suficiente para um processo que se propõe terapêutico, porque há outros processos que ocorrem e repertórios interpessoais que são desenvolvidos.

Essa diferença se ilustra ainda no caso de P1. Ele descreve relações com pessoas e destaca suas identidades como minorias, afirma que são relações melhores, mas isso não é suficiente para tenham como efeitos sentimentos de proximidade e intimidade. Ao contrário disso, P1 relata sentir-se distante mesmo nas relações próximas. Há um efeito que permanece.

Isso ainda é corroborado pelos resultados de intervenção, conforme demonstrado nas Figuras 3 e 4. Os temas de EM estiveram presentes desde a primeira sessão, contudo, os CRB2 aumentaram significativamente apenas na fase de intervenção, onde a forma de falar foi alvo,

implicando também na diminuição de frequência dos CRB1. Os temas de EM estavam presentes mesmo quando o comportamento se configurava como um CRB1, corroborando essa hipótese.

Verificou-se que para ambos os participantes, todas as condições apresentaram emissão de comportamento-problema. No caso de P1, a condição Demanda I, na qual era solicitado que o participante falasse sobre sua experiência afetiva em ser minoria, foi a que apresentou resultados mais próximos quando comparada com as demais condições na Aplicação e na Replicação, 15 e 20 emissões, respectivamente.

No processo de avaliação funcional, foram identificados padrões de fuga-esquiva do participante relacionados à evitação de compartilhar experiências privadas, ou que poderiam também ser nomeados como Indisponibilidade Afetiva. Isso porque, ainda que fosse possível identificar a existência de relações interpessoais nos contextos do participante, isso não configurava necessariamente uma relação de intimidade.

Quanto ao P2, destaca-se a condição Demanda II, na qual era solidada a descrição de necessidades, com as maiores frequências de comportamento-problema, tanto na Aplicação quanto na Replicação, 17 e 34 emissões, respectivamente. Esse resultado se alinha com os dados da Tabela 5, em que foram identificados padrões relacionados a pedir e demandar indiretamente de outras pessoas, Padrão de Evitação, Tabela 5.

Na história de vida de P1, a supressão condicionada pode ser descrita através das sucessivas exposições a situações de violências homofóbicas e racistas em espaços públicos de forma explícita ou ainda na invalidação nas relações familiares e de amizade. A supressão condicionada aumenta a sensibilidade do indivíduo para estímulos que tenham sido pareados com consequências aversivas, como relações interpessoais.

Esses episódios de violência direta ou indireta confirmam o risco de violências e rejeição relacionadas a aspectos de sua identidade como pessoa MSG negra. Isso aumenta a sensibilidade para estímulos que sinalizam a possibilidade de violências e rejeição, assim como



para estímulos ambíguos, diminuindo a probabilidade de ocorrência de comportamentos anteriormente punidos, processo esse que pode ser descrito como supressão condicionada.

Como mencionado anteriormente, P1 apresentou bom repertório de observação e de auto-observação, para alguns tipos de comportamento, com funções diferentes. A observação do comportamento de outras pessoas parecia ter a função de “prever” possíveis interações nas relações, e assim “adequar” seu comportamento ao contexto, como por exemplo: o quanto pode falar sobre si mesmo; quais assuntos falar em cada situação; evitar situações que pode ser julgado ou situações de conflito. Observa o outro para prever o que precisa fazer, e assim, evitar consequências, como julgamentos e conflitos.

A auto-observação auxilia a manter o controle de si nas interações, ou seja, quais comportamentos dentro de seu repertório poderiam ser emitidos, para entregar o que precisa em cada situação e produzir uma sensação de valor. Entretanto, apresenta dificuldade para comunicar suas necessidades e sentimentos, e conversa com o pesquisador de forma organizada e controlada – tenta escolher as palavras antes de falar, e utiliza termos acadêmicos.

Os padrões identificados, tanto para P1 (Tabelas 2 e 3) quanto para P2 (Tabelas 4 e 5), ainda que apresentados separadamente, se fortalecem mutuamente. Enquanto o primeiro padrão possibilita acessar consequências sociais importantes, o segundo possibilita evitar ou diminuir a ocorrência de punições que foram presentes na história de vida de cada um. As consequências se mantêm presentes ou possíveis pelos contextos sociais específicos dos participantes, mas também por contextos sociais com práticas culturais racistas, lgbtfóbicas e gordofóbicas.

Ainda que aparentemente contraditório, os repertórios comportamentais dos participantes que poderiam levar a acessar reforçadores importantes a curto prazo, como relações interpessoais, manutenção das relações, configurações de relação que atendam suas necessidades, desejos e interesses parece mover-se por comportamentos que “indiretamente” produziram o oposto a longo prazo. No caso de P2 existe um padrão que envolve fazer e

atender necessidades de terceiros sem demandar diretamente às suas necessidades, produzindo sentimentos como frustração e raiva. E no caso de P1, existe contato e atenção social, mas sem intimidade e vulnerabilidade, produzindo sentimentos de desconexão e solidão.

Finalmente, é importante salientar que todo repertório se mantém, porque de algum modo é funcional. O histórico de ambos os participantes é repleto de eventos que tornaram esses repertórios adaptativos sob controle de contingências atuais que os mantêm. Além das questões específicas de cada história individual, os elementos identitários compartilhados por minorias inseridas nas contingências sociais também auxiliam a compreender a manutenção de estressores que produzem sofrimento nessas populações.

Em síntese, as respostas de pessoas que são minorias inseridas em contingências sociais e interpessoais não são insensíveis aos contextos sob os quais respondem, sobretudo quando as consequências estão relacionadas com variáveis identitárias, como discriminações, agressões, desvalorização e rejeição (Skinta, 2021; Souza et al., 2022).

## Referências

- Baére, Felipe de, & Zanello, Valeska. (2020). Suicídio e Masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em Estudo*, 25, e44147. Epub May 18, 2020. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44147>
- Balsam, K. F., Molina, Y., Beadnell, B., Simoni, J., & Walters, K. (2011). Measuring multiple minority stress: the LGBT People of Color Microaggressions Scale. *Cultural diversity & ethnic minority psychology*, 17(2), 163–174. <https://doi.org/10.1037/a0023244>
- Beavers, A. G., Iwata, B. I., & Lerman, D. C. (2013). Thirty years of research on the functional analysis of problem behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 46, 1-21. <https://doi.org/10.1002/jaba.30>
- Britto, I. A. G., Marcon, R. M., Oliveira, I. J. S. (2020). Avaliação Funcional e a sua Prática em Contextos Aplicados. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 22. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v22i1.1045>
- Britto, I. A. G. Souza, & Marcon, R. M. (2019). Estudos descritivos e experimentais em contextos aplicados: dados científicos e impacto prático. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 24(2), 204-214. <https://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.2019002>
- Callaghan, G.M. The functional idiographic assessment template (FIAT) system. *The Behavior Analyst Today*. 2006; 7:357–398. Traduzido por Oshiro, C.K.C.; Assaz, D. A.; Vartanian, J. F.; Aranha, A.S.; Silva, E.F. & Lima, G. O. (2018). Sistema modelo de avaliação funcional e idiográfica (FIAT).
- Callaghan, G. M. & Follette, W. C. (2008). FAPRS Manual: Manual for the Funtional Analytic Psychotherapy Rating Scale. *The Behavior Analyst Today*. 9(1), 57-97.
- Costa, A. B., Paveltchuk, F., Lawrenz, P., Vilanova, F., Borsa, J.C., Damásio, B. F., Habigzang, L. F., Nardi, H. C. & Dunn, T. (2020). Protocolo para Avaliar o Estresse de Minoria em Lésbicas, Gays e Bissexuais. *Psico-USF*, 25(2),207-222. [Acessado em 3 de Agosto de 2022]. ISSN: 1413-8271. Disponible em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401064746001>
- Fazzano, L. H., Mena, I. M. ., Dionísio, T. E. S. ., & Gallo, A. E. . (2020). Análise do comportamento e população LGBT: revisão das produções de pós-graduação no Brasil. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 11(1), 052-062. <https://doi.org/10.18761/PAC.2020.v11.n1.05>
- Ferreira, A. R., Favati, J. C. & Oshiro, C. K. B. (2021). A Psicoterapia Analítica Funcional (FAP). In: Oshiro, C. K. B. & Ferreira, T. A. S. (org). *Terapias Contextuais Comportamentais: análise funcional e prática clínica*. (pp.28-45). Santana de Parnaíba: Manole.
- Fideles, M. N. D. & Vandenberghe, L. (2014). Psicoterapia Analítica Funcional feminista: possibilidades de um encontro. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 16(3), 18-29. São Paulo, SP, set.-dez.
- Follette, W. C., Naugle, A. E., & Callaghan, G. M. (1996). A radical behavioral understanding of the therapeutic relationship in effecting change. *Behavior Therapy*, 27, 623-641.

Hanley, G. P., Iwata, B. A., & McCord, B. E. (2003). Functional analysis of problem behavior: A review. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 36, 147-185.  
<https://doi.org/10.1901/jaba.2003.36-147>

Iwata, B. A., Dorsey, M. F., Slifer, K. J., Bauman, K.E. & Richman, G. S. (1994). Toward a functional analysis of self-injury. *Journal of applied behavior analysis*, 27, 197-209. (reedição de analysis and intervention in development disabilities, 3, 3-20, 1982).

Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1991). Psicoterapia Analítica Funcional: criando relações terapêuticas intensas e curativas. ESETEC.

Marcon, R. M. & Britto, I. A. G. S. (2015) O controle pelos antecedentes e consequentes nas respostas verbais de pessoas com diagnóstico de esquizofrenia. Curitiba: Editora CVR.

Martin, G., & Pear, J. (2018). Modificação de Comportamento: o que é e como fazer. Tradução organizada por N. C. Aguirre & H. J. Guilhardi (10a ed.). São Paulo: Roca. (Trabalho original publicado em 2015).

Miguel, C. F. (2013). Jack Michael's motivation. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29, 3-11.

McConnell, E. A., Janulis, P., Phillips, G., 2nd, Truong, R., & Birkett, M. (2018). Multiple Minority Stress and LGBT Community Resilience among Sexual Minority Men. *Psychology of sexual orientation and gender diversity*, 5(1), 1–12. <https://doi.org/10.1037/sgd0000265>

Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129, 674–697.  
<http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>

[Meyer, I. H. \(2020\). Rejection sensitivity and minority stress: A challenge for clinicians and interventionists. \*Archives of Sexual Behavior\*, 49\(7\), 2287–2289. https://doi.org/10.1007/s10508-019-01597-7](https://doi.org/10.1007/s10508-019-01597-7)

[Meyer, I. H. \(2015\). Resilience in the study of minority stress and health of sexual and gender minorities. \*Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity\*, 2\(3\), 209–213. https://doi.org/10.1037/sgd0000132](https://doi.org/10.1037/sgd0000132)

Mizael, T. M. (2019). Pontes entre o feminismo interseccional e a análise do comportamento. In: Pinheiro, R. C. S. & Mizael, T. (org). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento*. (pp.40-63). Fortaleza: Imagine Publicações.

Mussi, S. V., & Malerbi, F. E. K. (2020). Revisão de estudos que empregaram intervenções afirmativas para LGBTQI+ sob uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 22(1). <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v22i1.1438>

Nicolodi, L. & Arantes, A. (2019). Poder e Patriarcado: contribuições para uma análise comportamental da desigualdade de gênero. In: Pinheiro, R. C. S. & Mizael, T. (org). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento*. (pp.64-83). Fortaleza: Imagine Publicações.

Oshiro, C. K. B., Vartanian, J. F., Sartor, M. S., & Silva, E. F. (2021). A Psicoterapia Analítica Funcional (FAP). In: Oshiro, C. K. B. & Ferreira, T. A. S. (org). *Terapias Contextuais Comportamentais: análise funcional e prática clínica*. (pp.28-45). Santana de Parnaíba: Manole.

Oshiro, C. K. B., Kanter, J., & Meyer, S. B. (2012). A single-case experimental demonstration of Functional Analytic Psychotherapy with two clients with severe interpersonal problems. *International Journal of Behavioral Consultation and Therapy*, 7(2-3), 111-116. <http://dx.doi.org/10.1037/h0100945>

Paveltchuk, Fernanda de Oliveira, & Borsa, Juliane Callegaro. (2020). A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. *Revista da SPAGESP*, 21(2), 41-54. Recuperado em 03 de agosto de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702020000200004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200004&lng=pt&tlng=pt).

Paveltchuk, F. O., Borsa, J. C., & Damásio, B. F. (2020). Apoio Social, Resiliência, Estresse de Minorias e Saúde Mental de Mulheres Lésbicas e Bissexuais. *Psico-USF* [online]. v. 25, n. 3 [Acessado 3 Agosto 2022] , pp. 403-414. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-82712020250301>>.

Pinheiro, R. C. S. & Oshiro, C. K. B. (2019). In: Pinheiro, R. C. S. & Mizael, T. (org). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento*. (pp.220-243). Fortaleza: Imagine Publicações.

Popovitz, Juliana Maria Bubna, & Silveira, Jocelaine Martins da. (2014). A especificação do responder contingente do terapeuta na psicoterapia analítica funcional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 16(1), 5-20. Recuperado em 24 de abril de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55452014000100002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452014000100002&lng=pt&tlng=pt).

Ruiz, M. R. (2003). Inconspicuous sources of behavioral control: The case of gendered practices. *The Behavior Analyst Today*, 4(1), 12-16.

Silva, E. C., Laurenti, C. (2016). B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Revista Perspectivas*, vol. 07, n.02, p. 197-211.

Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes.

Skinner, B. F. (2007). Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, vol.9, no.1, São Paulo, jun.

Skinta, Matthew D. (2021). *Contextual behavior therapy for gender and sexual minority clientes: a practical guide to treatment*. New York: Routledge,

Skinta, M. D., Hoeflein, B., Muñoz-Martínez, A. M., & Rincón, C. L. (2018). Responding to gender and sexual minority stress with functional analytic psychotherapy. *Psychotherapy (Chicago, Ill.)*, 55(1), 63–72. <https://doi.org/10.1037/pst0000157>

Souza, J. dos S., Marques, J. M., Scanavino, M. de T., Zamignani, D. R., & Costa, A. B. (2022). Desfechos negativos em saúde mental de minorias de sexo e de gênero: uma análise comportamental a partir da teoria do estresse de minorias. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 069–085. <https://doi.org/10.18761/DH027.mart22>

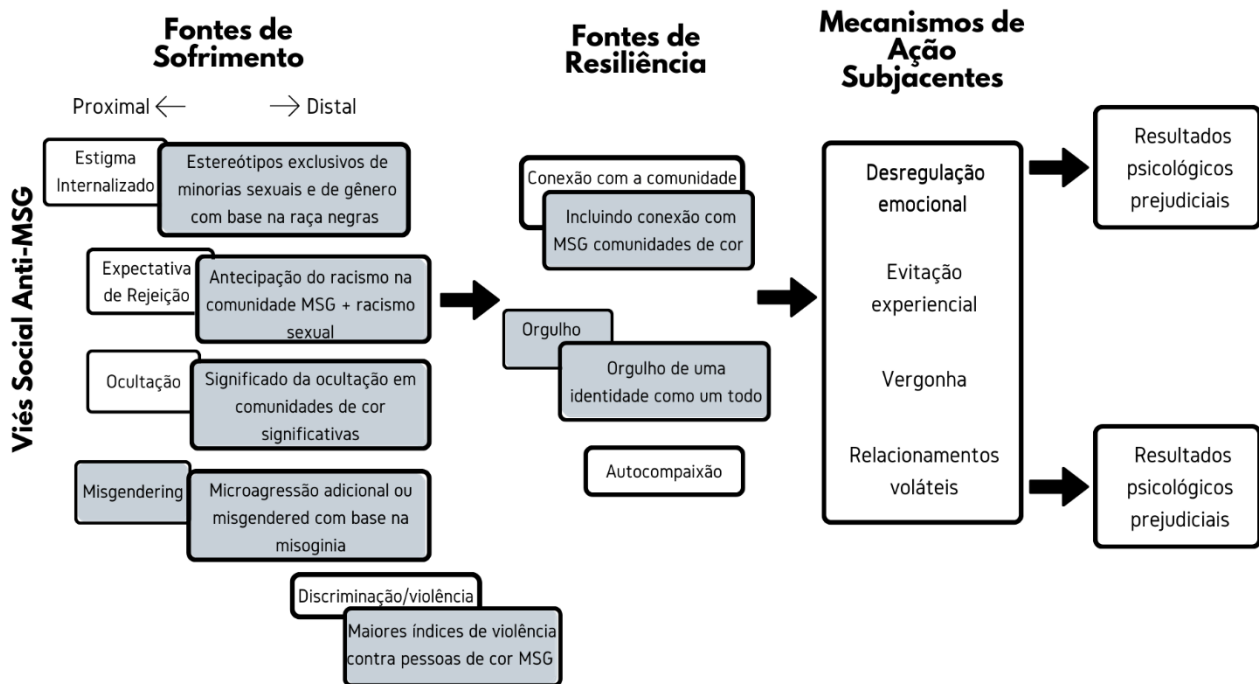
Tavares, Jeane Saskya Campos, & Kuratani, Sayuri Miranda de Andrade. (2019). Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, e184764. Epub June 27, 2019. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003184764>

Todorov, João Cláudio. (2007). A Psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(spe), 57-61. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000500011>

Vartanian, Joana Figueiredo. (2017). *Efeitos da evocação sobre os comportamentos relevantes na Psicoterapia Analítica Funcional*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, São Paulo, SP, Brasil.

## Anexo A – Modelo de Estresse de Minoria

Modelo de Estresse de Minoria enfatizando apenas o lado esquerdo do modelo, esses fatores propostos destacam interpretações interseccionais<sup>10</sup> do modelo de estresse minoritário.



Fonte: Skinta, 2021. Tradução e adaptação nossa.

<sup>10</sup> As expressões “comunidade de cor” e “pessoas de cor” são traduções das expressões “communities of color” e “people of color”. Essas expressões são comumente usadas no contexto estadunidense para referir-se a pessoas e comunidades não-brancas.

## Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título “*Análise funcional e intervenção no estresse de minoria homens em negros homossexuais*”. Meu nome é Eduardo Borges do Carmo, mestrando e orientado pela Dr<sup>a</sup>. Ilma A. Goulart de S. Britto, somos responsáveis por essa pesquisa.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável através do número (61) 9 99694030, ligações a cobrar (se necessárias) ou através do e-mail [eduardobcarmo@outlook.com](mailto:eduardobcarmo@outlook.com) ou com Dr<sup>a</sup>. Ilma Goulart, no telefone (62) 9979-0708 e através do e-mail: [psyilma@terra.com.br](mailto:psyilma@terra.com.br), ambos pesquisadores podem ser encontrados também no endereço Avenida Universitária, N° 1440, St. Universitário, Goiânia/GO, no Departamento de Psicologia da PUC Goiás.

Em caso de dúvida **sobre a ética aplicada a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Goiás, telefone: (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, St. Universitário, Goiânia/GO. Funcionamento: das 8 às 12 horas e das 13 às 17 horas de segunda a sexta-feira. E-mail: [cep@pucgoias.edu.br](mailto:cep@pucgoias.edu.br)

O CEP é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinada ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

**Profissionais responsáveis** - Dr<sup>a</sup> Ilma A. Goulart de Souza Britto, professora de Graduação e Pós-graduação *Lato e Stricto Sensu* e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás; e Eduardo Borges do Carmo, Psicólogo, mestrando do curso de Pós-graduação em Psicologia *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, estarão disponíveis, em qualquer momento, a maiores esclarecimentos, seja de forma pessoal ou através dos telefones e e-mail supracitados.

**Justificativa** – O motivo que nos leva a propor essa pesquisa é escassez de pesquisa que considerem as especificidades de homens negros homossexuais nos processos de psicoterapia a fim de atender adequadamente suas demandas.

**Descrição da Pesquisa** – Este estudo tem por objetivo empregar a metodologia da análise funcional para identificar os antecedentes e consequentes das respostas emocionais positivas e negativas de homens negros homossexuais e intervir utilizando a Psicoterapia Analítico Funcional (FAP).

**Procedimento da Pesquisa** – O objetivo da Análise Funcional é identificar a função dos comportamentos e, dessa forma, planejar intervenções adequadas e eficazes. Durante a análise



funcional, serão planejadas quatro condições em que o comportamento-problema será reforçado permitindo a identificação da(s) condição(s) na qual o comportamento ocorre em alta frequência. As condições envolverão reforçar o comportamento-problema com atenção, retirada de demanda, uma condição de controle, que consiste fornecer reforçadores e atenção independente da apresentação de comportamentos problema e uma condição sozinho que consiste apenas em registrar a frequência do comportamento, sem qualquer consequência programada ou pessoa presente.

Será utilizada o modelo de intervenção da Psicoterapia Analítico Funcional (FAP), que enfatiza a relação terapêutica como ferramenta de intervenção e mudança nas demandas clínicas apresentadas pelo cliente.

Serão realizadas 20 sessões, cada uma com duração média de 50 minutos, uma vez por semana. As sessões serão realizadas em ambiente doméstico e institucional. Caso ocorra o mínimo sinal de risco a sessão será imediatamente encerrada. Os dias para aplicação das sessões serão combinados de acordo com a conveniência para o participante. O custeio do deslocamento do participante, relativos a pesquisa, será fornecido pelos pesquisadores.

**Riscos ao participante e medidas de redução de riscos.** Toda pesquisa, mesmo que tenha o objetivo de melhora na qualidade de vida do participante, pode oferecer riscos. Diante do exposto e considerando que se trata de uma pesquisa em psicologia clínica, identifica-se como potenciais riscos de participação: desconforto ou sentimentos intensos em decorrência da possibilidade de o participante entrar em contato com memórias ou temas desconfortáveis e/ou intensos. A qualquer tempo o participante poderá solicitar que a intervenção seja interrompida, caso o pesquisador identifique riscos a sessão também será interrompida.

Será fornecida assistência psicológica a qualquer tempo que o participante precisar, em decorrência da participação da pesquisa. O pesquisador assumirá a responsabilidade de dar assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza para dirimir possíveis intercorrências em consequência de sua participação na pesquisa.

**Benefícios** - Apesar dos riscos potenciais, esta pesquisa garantirá ao participante acompanhamento psicológico e orientações para lidar melhor com as suas demandas psicológicas e de relacionamento interpessoal. Além disso, irá contribuir com compreensão de demandas psicológicas de casos semelhantes ao do participante e com desenvolvimento de avaliações e intervenções específicas para demandas de homens negros homossexuais.

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a pesquisa a qualquer momento e esta decisão não produzirá qualquer penalização ou prejuízo.

Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados na pesquisa a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados serão guardados por, no

mínimo, 5 anos e, após esse período os registros serão destruídos. Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a pleitear indenização.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo este será ressarcido pelo pesquisador responsável. Adicionalmente, em qualquer etapa do estudo você terá acesso ao pesquisador responsável pela pesquisa para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

### **Declaração do Pesquisador**

O pesquisador responsável por este estudo e sua equipe de pesquisa declara que cumprirão com todas as informações acima; que você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos oriundos, imediatos ou tardios devido a sua participação neste estudo; que toda informação será absolutamente confidencial e sigilosa; que sua desistência em participar deste estudo não lhe trará quaisquer penalizações; que será devidamente ressarcido em caso de custos para participar desta pesquisa; e que acatarão decisões judiciais que possam suceder.

### **Declaração do Participante**

Eu, \_\_\_\_\_,  
abaixo assinado, discuti com o Eduardo Borges do Carmo e/ou sua equipe sobre a minha decisão em participar como voluntário (a) do estudo “**Análise funcional e intervenção no estresse de minoria homens em negros homossexuais**”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia integral e gratuita por danos diretos, imediatos ou tardios, quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Goiânia, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2021.

---

Assinatura do participante

---

Assinatura do pesquisador

Anexo C – Plano de Aplicação da Análise Funcional P1

**Comportamentos alvo:**

Escolher palavras  
 Fazer descrições teóricas ou genéricas – se mostrar inteligente  
 Descrever as situações focando em terceiros (não descrevendo, ou descrevendo brevemente, como experiencia as situações)

Programação das condições			
1	<b>Demanda II</b>	5min	<b>Qual o tema que você quer que a gente converse hoje?</b>
<b>Intervalo – 1min</b>			
2	<b>Demanda I</b>	5min	<b>Descreve como tem sido pra você falar sobre os atravessamentos do colorismo na sua relação.</b>
<b>Intervalo – 1min</b>			
3	<b>Atenção</b>	5min	<i>“Faz sentido você se sentir assim considerando tudo que você me contou”;  “Isso parece ter sido difícil pra você”; “Eu vejo que isso é importante pra você”</i>
<b>Intervalo – 1min</b>			
4	<b>Atenção</b>	5min	<i>“Faz sentido você se sentir assim considerando tudo que você me contou”;  “Isso parece ter sido difícil pra você”; “Eu vejo que isso é importante pra você”</i>
<b>Intervalo – 1min</b>			
5	<b>Demanda I</b>	5min	<b>Descreve como tem sido pra você falar sobre os atravessamentos do colorismo na sua relação.</b>
<b>Intervalo – 1min</b>			
6	<b>Demanda II</b>	5min	<b>Qual o tema que você quer que a gente converse hoje?</b>

Anexo D – Plano de Aplicação da Análise Funcional P2

**Comportamentos alvo:**

Fazer descrições imprecisas;  
 Falar das experiências de minoria de forma genérica ou teórica;  
 Relatar situações sem expressar afeto congruente;  
 Rir depois de contar uma experiência triste ou difícil

Programação das condições			
1	<b>Demanda II</b>	5min	<b>O que você precisa?</b>
<b>Intervalo – 1min</b>			
2	<b>Demanda I</b>	5min	<b>Como o corpo gordo impacta nas suas relações?</b>
<b>Intervalo – 1min</b>			
3	<b>Atenção</b>	5min	<i>“Faz sentido você se sentir assim considerando tudo que você me contou”;  “Isso parece ter sido difícil pra você”; “Eu vejo que isso é importante pra você”</i>
<b>Intervalo – 1min</b>			
4	<b>Atenção</b>	5min	<i>“Faz sentido você se sentir assim considerando tudo que você me contou”;  “Isso parece ter sido difícil pra você”; “Eu vejo que isso é importante pra você”</i>
<b>Intervalo – 1min</b>			
5	<b>Demanda I</b>	5min	<b>Como o corpo gordo impacta nas suas relações?</b>
<b>Intervalo – 1min</b>			
6	<b>Demanda II</b>	5min	<b>O que você precisa?</b>